

PARA ALÉM DA FICÇÃO:

Reflexos da Mulher Sertaneja na Personagem
Flora, de Esaú e Jacó, de Machado de Assis

Wilma Lima Maciel
José Fábio Oliveira

Atena
Editora
Ano 2020

PARA ALÉM DA FICÇÃO:

Reflexos da Mulher Sertaneja na Personagem
Flora, de Esaú e Jacó, de Machado de Assis

Wilma Lima Maciel
José Fábio Oliveira

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Para além da ficção: reflexos da mulher sertaneja na personagem Flora, de
Esaú e Jacó, de Machado de Assis

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Autores: Wilma Lima Maciel
José Fábio Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M152 Maciel, Wilma Lima

Para além da ficção: reflexos da mulher sertaneja na
personagem Flora, de Esaú e Jacó, de Machado de
Assis / Wilma Lima Maciel, José Fábio Oliveira –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-515-0

DOI 10.22533/at.ed.150202610

1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Esaú e Jacó. 3.
Mulheres na literatura. 4. Personagem Flora. 5. Mulher
sertaneja. 6. Representação feminina. I. Maciel, Wilma Lima.
II. Oliveira, José Fábio. III. Título.

CDD 869.3

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

A nossa família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão da nossa existência.

As nossas famílias que nos ajudaram nos momentos em que mais precisamos.

As minhas irmãs, Willa, Luana, Welma, Wandla, e meus irmãos, Wellington e Welson.

A minha amiga Chrislania Bertoldo que carinhosamente me recebeu em sua casa durante o curso, com maior amor do mundo.

A minha tia Jaira exemplo de bondade.

A Lívia Suzana por auxiliar seu irmão Fábio.

Aos professores do Curso de especialização e em especial ao coordenador do curso o professor Leonidas Marques que não mediu esforços para trazer esse curso para o Sertão.

A Universidade pela oportunidade de poder me pós-graduar.

Este estudo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação em Educação no Semiárido e por isso agradeço imensamente a orientadora, a Doutora Maria Aparecida Silva, pois, sem suas contribuições este trabalho não teria germinado.

A banca pelas correções.

Não posso esquecer de agradecer as entrevistadas, que com muitas contribuições permitiram o desenvolvimento da pesquisa.

Meu muito obrigada, a todos e todas, que de forma direta e indireta fizeram com que este trabalho emergisse.

Não se nasce Mulher, torna-se Mulher

Simone de Beauvoir. (1949)

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	2
INTRODUÇÃO.....	3
REVISÃO DA LITERATURA.....	8
O contexto histórico em Esaú e Jacó	8
Esaú e Jacó para além de sua época	12
A PERSONAGEM FLORA NO CONTEXTO DE ESAÚ E JACÓ.....	15
Flora e a sua mãe no período oitocentista	15
Flora e a recusa ao matrimônio	16
REFLEXOS DA PERSONAGEM FLORA NA MULHER SERTANEJA DO SÉCULO XXI.....	19
A mulher sertaneja no contexto familiar	22
A mulher sertaneja e seu projeto de vida	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	48
SOBRE OS AUTORES	52

RESUMO

O presente trabalho é resultado da análise da personagem Flora da obra clássica de Joaquim Maria Machado de Assis, *Esaú e Jacó*, avaliando a apresentação do escritor sobre o sexo feminino na sociedade oitocentista. Escrita pelo mais renomado dos escritores brasileiros, a prosa descreve a personagem Flora que se constitui na obra como um modelo feminino que ultrapassa as barreiras comportamentais do seu tempo histórico, ou seja, os preceitos da sociedade oitocentista do século XIX, principalmente no que se refere à submissão e ao casamento. Consideramos que a personagem Flora se assemelha as jovens mulheres sertanejas do século XXI, com relação à submissão e ao casamento como foi percebido na pesquisa. Desse modo, este estudo está fundamentado na leitura de autores como Machado de Assis (1904), VALLADARES, (2013), COSTA, (2010), GLEDSON, (2003), e as teorias feministas, SCOTT (2018), SAFFIOT, (2004), BEAUVOIR (1970), acompanhadas com os teóricos da literatura GLEDSON (2003), BOSI (2007 e 1996) E SCHWARZ (1990), também recorreremos aos sociólogos, BOURDIEU, (2012), CANDIDO, (2010, 2011, 1999), WHITAKER (2002), entre outros, que apontam que Machado de Assis não era um escritor totalmente fiel ao estilo realista de sua época, e não se prendia a mera descrição da realidade social, mas a problematizava. Portanto, a personagem Flora se apresenta no romance como um modelo feminino que ultrapassa as barreiras comportamentais e sociais vigentes na sociedade, mostrando-se contrária a ideia de casamento e submissão, o que na época era prioridade para as mulheres da sociedade conservadora, principalmente quando o pretendente era um homem rico. Tal estudo se justifica porque Machado de Assis é um autor expressivo da literatura brasileira, e por seu romance *Esaú e Jacó* se constituir uma fonte de estudo inesgotável, pois, a cada nova leitura surge um novo aspecto da obra ainda não explorado. A pesquisa teve como foco uma pesquisa bibliográfica qualitativa e quantitativa, que adotou como *corpus* a obra *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, com análise da personagem Flora, de acordo com o momento histórico em que está inserida, além de se realizar um estudo de caso nas comunidades do município de São José da Tapera (AL), Gavião, Melancia, e Lage Grande, onde se analisou as jovens mulheres moradoras destas comunidades, a partir da perspectiva da desigualdade de gênero, fazendo uma relação entre a personagem Flora e as jovens sertanejas da atualidade. Considera-se que as entrevistadas mantêm uma relação com uma cultura conservadora situada neste espaço, que se remete a sociedade oitocentista, período que a personagem Flora vivia no *romance Esaú e Jacó*, logo aponta um machismo que afeta as jovens dessas comunidades com relação submissão e ao casamento quase obrigatório neste lugar, o que corrompe a juventude, o projeto de vida e a formação escolar dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. *Esaú e Jacó*. Personagem Flora. Mulher sertaneja. Representação feminina.

ABSTRACT

The present work is a result of the analysis of the Flora character of the classic work of Joaquim Maria Machado de Assis, *Esau and Jacob*, evaluating the writer 's presentation on the female sex in 19th century society. Written by the most renowned of Brazilian writers, prose describes the character Flora who constitutes the work as a feminine model that goes beyond the behavioral barriers of its historical time, that is, the precepts of nineteenth-century society, mainly in what refers submission and marriage. We consider that the character Flora resembles the young sertanejas women of the 21st century, with respect to the submission and the marriage as it was perceived in the research. Thus, this study is based on the reading of authors such as Machado de Assis (1904), VALLADARES, (2013), COSTA, (2010), GLEDSON, (2003), and feminist theories, SCOTT (2018), SAFFIOT, (2004), BEAUVOIR (1970), together with literature theorists GLEDSON (2003), BOSI (2007 and 1996) and SCHWARZ (1990), also called sociologists, BOURDIEU, (2012), CANDIDO, (2010,), WHITAKER (2002), among others, who point out that Machado de Assis was not a writer who was totally faithful to the realist style of his time, and did not dwell on the mere description of social reality, but problematized it. Therefore, the character Flora presents in the novel as a feminine model that goes beyond the behavioral and social barriers in society, being contrary to the idea of marriage and submission, which at the time was a priority for the women of conservative society, especially when the suitor was a rich man. Such a study is justified because Machado de Assis is an expressive author of Brazilian literature, and for his novel *Esau and Jacob* constitutes an inexhaustible source of study, since with each new reading a new aspect of the work still unexplored emerges. The research focused on a qualitative and quantitative bibliographical research, which adopted as a corpus the works *Esau and Jacob*, by Machado de Assis, with an analysis of the Flora character, according to the historical moment in which it is inserted, in addition to conducting a study (LA), Gavião, Melancia, and Lage Grande, where the young women living in these communities were analyzed from the perspective of gender inequality, making a relation between Flora and the young people of the country today. It is considered that the interviewees maintain a relationship with a conservative culture located in this space, which refers to nineteenth-century society, a period that the character Flora lived in the novel *Esau and Jacob*, then points out a machismo that affects the young women of these communities with submission submission and to the marriage almost obligatory in this place, which corrupts the youth, the project of life and the educational formation of these women.

KEYWORDS: Machado de Assis. *Esau and Jacob*. Character Flora. Sertaneja woman. Female representation.

INTRODUÇÃO

A presente monografia propõe-se como uma abordagem da obra de Joaquim Maria Machado de Assis, *Esaú e Jacó*, ensejando uma análise da personagem Flora em *Esaú e Jacó*. Que se constitui como um modelo feminino que ultrapassa as barreiras comportamentais do tempo histórico¹ da obra, ou seja, os preceitos² vigentes na sociedade do século XIX. Principalmente no que se refere à submissão e ao casamento. Assim, a personagem Flora se apresenta assemelhada à mulher sertaneja da atualidade. A obra é representada como um modelo feminino que mesmo estando inserida no período oitocentista³ em uma sociedade conservadora, a mesma se recusa à submissão⁴ e ao casamento⁵.

Buscamos analisar a personagem Flora, do livro *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, sob a premissa de que esta personagem se constitui como um modelo que se projeta para além do modelo feminino do tempo histórico da obra, ou seja, da sociedade do século XIX. Como também a mulher sertaneja da atualidade que mesmo no século XXI sofre com a sujeição ao matrimônio.

A pesquisa teve como foco uma pesquisa bibliográfica qualitativa e quantitativa, que adotou como *corpus* a obra *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, com ênfase na análise da personagem Flora, de acordo com o momento histórico em que está inserida. Além de se realizar um estudo de caso nas comunidades do município de São José da Tapera (AL), Gavião, Melancia, e Lage Grande, uma vez que, se analisou a mulher sertaneja, a partir da perspectiva das relações indenitárias entre a personagem Flora de Machado de Assis e a mulher sertaneja da atualidade.

Assim, a pretensão deste estudo é ajudar as mulheres compreenderem porque é tão difícil se tornar mulheres de várias identidades, e livre para fazer suas escolhas. Em uma sociedade conservadora, pois, se hoje as mulheres sofrem repressões imaginem no período oitocentista. porém, passadas décadas, a mulher atualmente pode expressar os sentimentos e angústias, e neste caso as angústias das mulheres. Uma vez que, na antiguidade não cabia às mulheres se expressarem na literatura, um privilégio agregado aos homens.

Considerando que *Esaú e Jacó* pertence à segunda fase das obras do escritor, é cabível esclarecer que o Realismo⁶ foi um movimento literário datado da segunda metade do século XIX, quando os escritores não mais se contentavam em mostrar a face sonhadora e idealizada do Romantismo,⁷ e por isto, buscavam mostrar em suas obras a face nunca antes revelada, isto é, a do cotidiano. Os autores realistas buscavam a criação de obras que

1. Período oitocentista, de transição entre governo - Monarquia e República, como também mudança do pensamento feminino e mudança da visão da mulher.

2. Para a mulher ter uma boa reputação e um futuro brilhante no século XIX, esta deveria seguir os preceitos vigentes como casar, por exemplo, para garantir o futuro.

3. Período datado do século XIX de 1800 a 1899.

4. Item comum a mulher da sociedade oitocentista e a submissão ao marido era a garantia de uma vida tranquila e feliz.

5. Obrigatório para as mulheres da sociedade oitocentista, e as que fugiam a esse padrão, eram vistas como esquisitonas.

6. O Realismo foi um movimento artístico e literário surgido nas últimas décadas do século XIX na Europa, mais especificamente na França, em relação ao Romantismo. Ver obra de BOSI, Alfredo, História concisa da literatura brasileira. 1936.

7. O Romantismo foi um movimento artístico datado do século XVII, na Europa caracterizou-se como uma visão de mundo contrária ao racionalismo e ao iluminismo. Ver obra de BOSI, Alfredo, História concisa da literatura brasileira. 1936.

refletissem a realidade, buscavam o máximo de aproximação entre a realidade e a ficção, o que implicava em muitos dos casos na imperfeição. Já que na realidade as coisas nem sempre são perfeitas, caberia à literatura abrir espaço para esta vertente.

Esaú e Jacó é o penúltimo livro do autor escrito quatro anos antes de sua morte o nome é uma menção a parábola bíblica de Esaú de Jacó, no livro Gênesis, em que comenta sobre os irmãos que são iguais na aparência mas inimigos, o romance representa o período histórico em que o Brasil vivenciava e descreve as divergências dos gêmeos antes mesmo de nascerem, já brigavam no ventre da mãe e quando rapazes brigam pela personagem Flora, uma jovem que não tem os mesmos desejos das moças oitocentistas, com relação ao matrimônio.

No Brasil, o autor de *Dom Casmurro* se destaca como o principal escritor realista, no entanto, não foi um escritor totalmente fiel ao Realismo e no caso de *Esaú e Jacó*, por exemplo, é possível constatar vários reflexos incomuns a esta corrente literária, como a linearidade que não é um ponto forte, uma vez que essa narrativa não se prende à sequência de início, meio e fim, e que o autor não se resume à mínima descrição dos detalhes, como era comum nas obras realistas. Portanto *Esaú e Jacó* é um romance histórico, como bem descreve a Dirce Cortes Riedel, ao propor que:

E há uma camada histórica que é cenário direto de *Esaú e Jacó*: a transformação do nosso regime imperial em republicano. A sonda lançada na vida dos personagens é lançada também na totalidade da vida. A ambiência histórica não é mero *decor* é condição da existência dos personagens, vivida pela visão de cada um penetrada pela condição de observador complacente. (1904, p. 04).

Num período marcado pela instabilidade e complexidade político-histórica, ou seja, o Brasil do final do século XIX a sociedade era marcada por divisões sociais profundas, uma realidade na qual os cafeicultores sulistas mandavam em tudo, inclusive na política.

Neste período, o Brasil era ainda um país escravista, marcado pelo debate em torno do abolicionismo que resultou na Lei do ventre livre sancionada em 1871 e na Lei Áurea datada de 1888, marcada também pela crise da Monarquia que abalada pelos acontecimentos abolicionistas e pelos estragos econômicos causados pela guerra do Paraguai veio a se tornar República no dia 15 de novembro de 1889.

A sociedade da época oitocentista era marcada por divisões sociais, um agrupamento que regia as regras para a mulher através da diferenciação dos sexos, as moças eram submissas ao pai ou ao marido, não tinha ainda independência ou participação ampla na sociedade como acontece nos dias atuais. O cotidiano das mulheres desta época se baseava nos afazeres domésticos, desde meninas eram ensinadas a serem boas mães e esposas. Ao adentrar na adolescência já estavam se preparando para o casamento, e aos vinte anos já eram mães.

Esta relação descrita pelo feminino do século XIX ainda é pertinente em plena sociedade moderna nas comunidades do município de São José da Tapera (AL), Gavião, Melancia, e Lage Grande a visão sobre o casamento. Igualmente como no século XIX, não havia, na época, preocupação com a educação em termos de instrução para estas mulheres. Atualmente a preocupação ainda é com o casamento. Mesmo estas estudando

muitas vezes não chegam a concluírem o ensino fundamental e já são mães e se casam de acordo com dados constados na pesquisa.

Aquelas que pertenciam as classes mais altas da sociedade recebiam em casa o ensino da leitura, da escrita, noções básicas de matemática juntamente com o ensino do francês, ou do piano. As mulheres eram totalmente submissas, sempre presas à visão de pilar de sustentação do lar. Desse modo, a preocupação dos pais girava em torno do casamento, que era de extrema importância, uma garantia de vida estável para a mulher desta sociedade, ou seja, encontrar um homem rico e casar-se com ele, era uma preocupação muito comum às mulheres da época e para seus pais.

É nesse sentido que a personagem Flora, de Machado de Assis, se mostra contrária, isto é, a personagem Flora não se apresenta como uma mulher submissa ou preocupada com o casamento, muito pelo contrário, demonstra recusa para com ele, tal como a personagem Flora, a jovem mulher sertaneja se mostra contrária ao pilar de submissão e casamento tendo com tal característica um projeto de vida que perpassa a ideia de sustentação de apenas um lar.

Esaú e Jacó é uma obra riquíssima em dados que nos informam acerca do período de transição em que o Brasil se tornava República, como bem descreve John Gledson (2003), em seu Livro intitulado, Machado de Assis, ficção e história.

[...] Entre os gêmeos, Pedro e Paulo, e o Império e a República, Respectivamente. Nenhum leitor poderia questionar essa identificação, mas é aqui que começam nossos problemas. O que o Império e a República representam, por sua vez? Não é o ancien Regime e o amanhecer da democracia: conhecemos Machado Bem demais para imaginar tal simplicidade. Para começo de conversa, claro, os gêmeos permanecem gêmeos também neste nível: poderemos dizer que os dois regimes representam a mesma oligarquia, sob diferentes disfarces? Talvez: e, neste caso, será que a alegoria simplesmente repete o absurdo e a monotonia do enredo que a contém, como foi sugerido? Os gêmeos escolhem suas filiações políticas por razões inteiramente triviais[...]. (GLEDSON, P. 197. 2003).

A escolha do Livro *Esaú e Jacó* para a realização deste trabalho deve-se ao fascínio de percebermos toda uma organização social submetida ao jogo político entre Monarquia e República, sobre uma descrição de um período oitocentista marcado por uma sociedade conservadora, e principalmente da presença da personagem Flora se contradizendo a submissão e ao casamento.

Nos interessamos pela representação feminina na obra, por entender que a literatura machadiana é responsável pela apresentação de imagens e estereótipos que retratam ao feminino da sociedade oitocentista. Ao realizar um estudo da mulher sertaneja que se encontra atualmente da mesma forma como a personagem Flora com relação a submissão e ao casamento surgiu por percebermos toda uma preocupação dessas meninas da comunidade de Gavião, Lage Grande e Melancia do município de São José da Tapera (AL) que sofrem a pressão familiar e social de terem que se casar, pois a intranquilidade dos pais perpassa a ideia de que não se casando cedo pode ocorrer o preconceito da sociedade com relação a virgindade, solteirice, piriguetis e lésbicas.

Temos como horizonte teórico, as teorias feministas, de (SCOTT (2018), SAFFIOT,

(2004), BEAUVOIR (1970), por conseguinte, estudos sobre teoria literária, designadamente as obras de, GLEDSON (2003), BOSI (2007 e 1996), SCHWARZ (1990), também recorremos aos sociólogos, BOURDIEU, (2012), CANDIDO, (2010, 2011, 1999), WHITAKER (2002), que nos oferecem um embasamento teórico para compreender de que maneira a personagem Flora seria um modelo feminino além do tempo histórico da obra; diagnosticando, em *Esaú e Jacó*, como o autor representa a personagem Flora, contrapondo-se ao modelo feminino do século XIX; e analisar o ideal de mulher oitocentista apresentado por Machado de Assis na referida obra da mesma maneira como a mulher sertaneja no século XXI.

No século XIX, período designado na história literária por Realismo, a mulher deveria ocupar apenas o espaço doméstico. Em *Esaú e Jacó*, naturalmente, representavam a visão própria dos oitocentistas. A representação feminina na literatura estava presente nesta época, porém uma mulher que estava transgredindo o momento histórico em que se encontrava inserida, não aceitando a submissão e o casamento e recusando-o, como é o caso da personagem. No capítulo I temos a nossa revisão da literatura em que abordamos a fortuna crítica de Machado. Iniciando com o contexto histórico em *Esaú Jacó*, e *Esaú e Jacó* para além de sua época representando a perpetuação da obra para a atualidade.

No capítulo II do nosso estudo apresentamos a revisão da literatura acompanhada de mais dois subcapítulos intitulados o contexto histórico em *Esaú e Jacó*, e *Esaú e Jacó* para além da história. Baseando-se em teóricos da literatura, como GLEDSON (2003), discutindo o período histórico de transição entre Monarquia e República no contexto de *Esaú e Jacó*, RIEDEL (1904) para compreender o período histórico do romance.

Iniciamos teorizando com a fortuna crítica da obra de Machado de Assis com a teoria da narrativa e resistência de BOSI, (1996 e 2007), discutindo as manifestações literárias no período oitocentista e SCHWARZ (1990) abordando Machado de Assis em um mestre na periferia do capitalismo, VALLADARES (2013) com olhares sobre a leitura em *Esaú e Jacó*, para discutir as principais características do Realismo em *Esaú e Jacó*.

Em seguida, discorreremos com as teorias feministas, SCOTT (2018), SAFFIOT, (2004), BEAUVOIR (1970), teorizando a presença da mulher no trabalho na família e na sociedade, para analisar a personagem Flora no contexto de *Esaú e Jacó* e a mulher sertaneja nas comunidades de Gavião, Lage grande e Melancia em São José da Tapera (AL).

No capítulo III, intitulado, A personagem Flora no contexto de *Esaú e Jacó*, acompanhado de mais dois subtítulos: A personagem Flora e sua mãe no período oitocentista e a personagem Flora e a sua recusa ao matrimônio. Sendo a personagem Flora e a mulher sertaneja, o ponto chave da nossa discussão, pois, ela se projeta como um modelo além do tempo histórico em *Esaú e Jacó*, mantendo recusa contra o casamento.

No capítulo IV, intitulado, a mulher sertaneja no século XXI, acompanhado de dois subcapítulos, intitulados, a mulher sertaneja no contexto familiar, e a mulher sertaneja e seu projeto de vida. Este capítulo se ocupa de fazer uma análise comparativa entre a mulher do século XIX com a mulher do século XXI baseando-se em análise realizada através de entrevistas com roteiro de questionários realizado com 10 informantes solteiras na faixa etária 15 a 39 anos nas comunidades do município de São José da tapera, sítio Gavião, Melancia e Lage Grande em Alagoas – Brasil. Por se tratar de uma comunidade em que a

sociedade se mantém conservadora pertinente ao século XIX, com relação à submissão e ao casamento.

REVISÃO DA LITERATURA

Iniciamos nossa revisão da literatura com o teórico Alfredo Bosi (2006) com o seu livro, *História concisa da literatura brasileira em que teoriza a vida e a obra de Machado de Assis*, como toda sua organização social e estrutura familiar em que vivenciou. Para Bosi, Machado passou a sua infância em uma fazenda em que sua família também já tinha passado mais de uma geração ali, era afilhado da dona da fazenda e além disso seus pais sabiam ler e escrever em uma época que o índice de analfabetismo era alto.

Outros fatores a destacar sobre o autor é que o mesmo era mestiço, e que os seus pais eram casados, fator social de respeito na época. E por ser afilhado da dona da fazenda em que morava, a senhora era viúva de deputado e mantinha influências ao partido político da corte, o que faz entender que Machado estava ao lado de pessoas importantes da sociedade. [...] mas foi como autodidata que construiu sua vasta cultura literária que incluía autores menos lidos no tempo como Swift, Sterne e Leopardi.

Aos dezesseis anos, entrou na imprensa nacional como tipógrafo aprendiz, ” [...] (BOSI, 2006, P.184). Da mesma forma, Machado inicia sua vida nas letras e em seguida [...] aos dezoito anos, na editora de Paula Brito para cuja revistinha, *A marmota*, compôs seus primeiros versos. Pouco depois é admitido à redação do *Correio Mercantil*. [...] (BOSI, 2006, P.184). Partindo desse pressuposto, Machado foi.

Considerado nos fins do século o maior romancista brasileiro, foi um dos fundadores e primeiro presidente da Academia brasileira de Letras, animou a excelente Revista Brasileira, promoveu os poetas parnasianos e estreitou relações com os melhores intelectuais do tempo, de veríssimo a Nabuco, de Taunay a Graça Aranha. (BOSI, 2006, P. 185).

Considerando o inscrito de *Esau e Jacó*, Machado retrata os gêmeos como uma representação que nos remete a lembrar o filme de *Édipo Rei*¹, em que mesmo tentando ir contra o destino, não há como sair dele, bem como Natividade a mãe dos gêmeos Pedro e Paulo, quando consulta a cabocla que diz que ela será mãe de meninos com futuros grandiosos... “Nem ódio nem amor. Lê-se em Esau e Jacó, [...] “não se luta contra o destino: o melhor é deixar que nos pegue pelos cabelos e nos arraste até onde queira alçar-nos” (BOSI, 2006, P. 193).

Da mesma maneira, observou-se que os gêmeos são inimigos e assume partidos opostos na política algo disseminado durante a gestação de natividade, contudo os gêmeos decidem que querem namorar a personagem Flora.

O contexto histórico em Esau e Jacó

Discutindo sobre a personagem Flora, Bosi, em seu livro intitulado *o Enigma do Olhar*, (2007) retrata como estava organizada a sociedade oitocentista como bem o período

1. Édipo Rei é um personagem da mitologia grega e também uma tragédia escrita por volta de 427 a.C. pelo dramaturgo Sófocles (496-406 a.C.). É baseada no mito de Édipo e citada pelo filósofo grego Aristóteles em sua obra “*Poética*”. Édipo herdeiro do trono de Tebas foi abandonado ao nascer em um deserto pois seu pai ao consultar o oráculo anunciar que o menino seria responsável pela morte de seu pai e deitaria com a sua mãe então sendo assim resolveram abandonar a criança que foi criada por um casal de camponeses. Após adulto Édipo se encontra com o mesmo oráculo, que diz que matará seu pai e deitará com a sua mãe desorientado, o Édipo decide não voltar para casa, acreditando que seus pais eram os camponeses e assim se dar o desfecho da obra. Ver filme disponível em: <https://vimeo.com/32466682>.

de transição em que o país vivenciava a transformação de Império para República, o mesmo enfatiza sobre a descrição desse momento e também retrata sobre as personagens que representavam esse viés de Machado e a sua crítica da realidade oitocentista.

Por isto, para Bosi “[...] comportamento da personagem-tipo é previsível no sentido da reprodução da própria identidade Pública”[...]. (BOSI, 2007, P.159). Essa representação aponta a personagem Flora como identidade pública e bem descreve a particularidade da personagem que de acordo com a mulher sertaneja aponta a ideia de que a realidade da época era de uma certa forma influenciada pela representação social oitocentista.

Como é o caso de *Capitu*, de *Dom casmurro*², em que Machado retrata no romance que mesmo separada do marido, vai para Paris com seu filho e o trata de educa-lo o tornando um letrado, e, contudo, o seu ex-marido fica aqui no Brasil e viaja constantemente para lá em busca de manter as aparências para a sociedade conservadora. Ainda sobre Bosi (2007), o autor destaca que Machado:

Representando os múltiplos graus e formas da nossa assimetria social – atravessando todo o Brasil Império até os anos iniciais da República, Machado situa-se plenamente na fase do Realismo, momento extremamente fecundo para a cultura letrada brasileira. (BOSI, 2007, P.163).

Dessa maneira, surge Machado com as suas obras que retratam a sociedade oitocentista, uma vez que não fugiu da realidade da época, pois, não deixou de relatar sobre a política, como também o papel da mulher naquela época e os papéis que a sociedade exige da mulher.

Não queremos neste texto tecer juízos críticos em que o autor Machado seja um autor Misógino, mas apontar a representação da sociedade e de como eram vistas as relações de classes e visão dos oitocentistas com relação a mulher, como bem Machado descreve a personagem Flora mas não se posiciona, apenas representa deixando o leitor fazer a sua análise. Roberto Schwarz (1987), em seu livro *Que horas são?* Defende que Machado representava sim o Brasil, rebatendo a críticas de:

Outros autores, pelo contrário, criticaram em Machado a falta de intenção e do colorido nacional: seria um literato estrangeirado, sem interesse pelos problemas pátrios. Esta divergência veio até os nossos dias. Ainda recentemente ela causava polemica na Câmara dos Deputados, em que se escolhia o patrono das letras brasileiras. [...] (SCHWARZ, 1987, p. 165).

Na verdade, é claro que Machado faz referências a nacionalidade brasileira, podemos notar isso em suas obras como o próprio livro *Esaú e Jacó* que traz uma abordagem história social da sociedade, como também *Dom Casmurro* sobre a sociedade conservadora da época.

Para Antônio Candido, em sua obra, a personagem de ficção, descreve que o romance se baseia em um certo tipo de personagem que se dará entre a ficção e o ser humano representando uma determinada época “[...] o Romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, 2011, p. 55).com tal característica,

2. Ver Livro disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000194.pdf>.

na construção da personagem, neste caso a personagem Flora, ao percebemos que “as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança.” [...]. (CANDIDO, 2011, p. 55).

Logo, observamos que existe representações entre o ser humano e a personagem, pois, quando se projeta uma personagem o autor representa uma crítica social como também a figura pode ir além do momento em que o romance foi escrito. Transgredindo consequentemente, para as futuras gerações, como o caso da personagem Flora.

Para Antônio Candido, em seu livro *Literatura e sociedade* (2010). O crítico discute toda uma função social em que a literatura transmite para a sua época. Como um legado de registro histórico, uma vez que o autor não tem como fugir completamente do contexto social em que está inserido da mesma forma, procura esclarecer alguns aspectos dos fenômenos literários e artísticos em relação ao grande número de fatos da natureza.

Segundo o autor “Do ponto de vista metodológico, podemos concluir que o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas”. (CANDIDO, 2010, p.199). Por isso para o escritor “Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas.” (CANDIDO, 2010, p.28).

Desse jeito o estudo avalia as possíveis influências do meio à obra como o caso de Esaú e Jacó. Se realmente Machado sofreu influências e transmitiu para a sua obra. Há nesse sentido duas respostas tradicionais. Para Candido a primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade, a segunda em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais.

A primeira versão, de acordo com as ideias do autor, diz que ela exprime a sociedade e constitui hoje verdadeiro truismo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. De acordo com Candido (2010), e sua análise da literatura, isto se esboçou no século XVIII, período histórico de Esaú e Jacó, filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Heder com os povos.

Talvez tenha sido madame de Stael na França quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre. Durante o século XIX, mesmo esta vertente apontando que os autores não sofrem influências do meio, podemos observar isso em *Esaú e Jacó*, que realmente retrata o período oitocentista brasileiro.

Não se foi muito além desta verificação de ordem geral, adequada mais aos panoramas do que aos casos concretos, mesmo quando Taine introduziu o conceito mais flexível e rico de momento, para completar o meio e a raça dos tradicionalistas anteriores em que avaliavam a que ponto certa obra representaria a realidade, se observou uma análise pouco fecunda, que segundo esta vertente há textos em que fogem da realidade social.

Posto que Candido, (2010), a primeira discute em que medida a arte é expressão cultural, a segunda em que medida a arte representa os problemas sociais. Esta avalia a

arte através de motivos sociais de ordem moral ou política, o que representa bem quando os gêmeos Pedro e Paulo assumem partidos opostos no senado.

Desse modo, Candido concorda com as ideias do sociólogo Tolstói ao descrever que ambas as tendências tiveram virtudes de representar que a arte é social nos dois sentidos pois dependentes de muitos fatores do grau da obra, do meio a concepção de mundo do autor e seus valores sociais a medida que, partimos da premissa que para analisar *Esaú e Jacó* devemos nos embasar nas ideias de Candido considerando que devemos iniciar:

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discrimina-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam a estrutura social, aos valores e ideologias, as técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição de posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (CANDIDO, 2010, p. 31).

Avaliamos que o autor ao escrever o romance e no caso de Machado em *Esaú e Jacó* o mesmo retrata a sociedade da época a sua organização social, descreve a política através dos gêmeos e o período de libertação dos escravos com a mãe Natividade com o ventre livre ao gerar os gêmeos como também representa a personagem Flora ao descrever a mulher e seu papel no século XIX. Por conseguinte, continuamos a nossa discussão, mas agora com um olhar histórico sobre o crítico Schwarz, mas em seu inscrito, Um mestre na periferia do capitalismo.

O crítico machadiano discute o período em que o Brasil vivenciava a transição de um governo imperial para republicano. Segundo Schwarz o “[...] o comercio ilegal de escravos foi substituído por outras formas de comercio igualmente imorais? [...]” (SCHWARZ, 2000, p. 80). Isso é bem visto através de negócios obscuros da marinha durante a guerra do Paraguai. Para o crítico “[...] a especialidade machadiana está nas inconseqüências próprias a esta mistura, e particularmente nos malabarismos mentais que permitem conciliar aqueles inconciliáveis com vantagem para o amor-próprio do sujeito que se quer homem moderno. [...]” (SCHWARZ, 2000, p. 81).CCT

Ao tratar de homem moderno podemos dizer que a personagem Flora se destaca como uma personagem moderna que está além do tempo histórico da obra por manter a sua recusa com o casamento. “[...], no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance”. (CANDIDO, 2011, p.54 -55).

O período dessa época datava a época da Lei Àurea em que após abolição os homens libertos nem escravos eram mais se tornando então, pobres livres, mas sem condição alguma o que segundo Gilberto Freyre (2004) em seu livro o Nordeste descreve que os escravos recém libertos não ganharam, mas do que o direito de não pertencer a um senhor de terras.

Algo similar ao que observamos ao assistir o documentário Ilha das Flores³, filmado no Brasil no ano de 1989 em que os porcos do lugar por terem um dono deixavam as sobras para os humanos livres, mas sem condição alguma. Uma vez que esse período deveria ter ocorrido a Reforma Agrária, reforma essa que ainda não ocorreu. Então os homens tidos livres tornavam a trabalharem de forma precária e então continuavam sendo escravos, mas com alforria nas mãos.

Esau e Jacó para além de sua época

Para Emília Viotti da Costa (2010) em seu livro da Monarquia a República, a autora descreve o período de transição de Monarquia para República, as posições contra e a favor da mudança de governo. Em que podemos observar a clareza dessa mudança quando assistimos o filme de Sérgio Rezende (1997) a guerra de canudos com Antônio conselheiro que é contra o sistema do novo governo, pois gostariam de reinstalar a antiga República. Segundo Costa,

A República correspondia a uma aspiração nacional, como revelaram os movimentos revolucionários ocorridos no país antes e depois da independência. Era, pois, natural que a ação do partido republicano, fundado em 1870, acabasse frutificando. Os excessos cometidos pela Coroa teriam contribuído, por sua vez, para o desprestígio da Monarquia e para o advento da República. (COSTA, 2010, p.450).

Embora, após a implementação da República inicia-se o desconforto dos que eram contra e a felicidade dos que eram a favor, o que fez com que ocorresse uma guerra para que isso viesse realmente a acontecer. Contudo, “Logo nos primeiros dias após a proclamação da República surgiram duas versões contraditórias a propósito do movimento: a dos monarquistas e a dos republicanos.” (COSTA, 2010, p.451). Para os monarquistas acreditavam que o surgimento da monarquia era um acidente infeliz para eles não existiam deficiências nesse regime. “Os republicanos eram, sob certos aspectos, mais objetivos”, “[...] Para eles, a proclamação da República fora a correção necessária dos vícios do regime monárquico”: (COSTA, 2010, p.451).

No entanto, nasce uma República que já nasceu velha, pois, os costumes e os excessos cometidos pelo período de Monarquia continuam e então durante esse momento surge Machado que não faz críticas, apenas lança-nos a pá dos fatos e nos deixam com a responsabilidade de tomar nossas decisões sobre o contexto da obra. Com isso, Gledson (2013), discute sobre o processo histórico vivenciado pelo período oitocentista.

Minha abordagem, espero, é mais terra-a-terra, e digo isto sem ironia. Esau e Jacó é, às vezes, um romance muito difícil, com trechos e capítulos que parecem calculados para confundir o leitor mais determinado. Cortar o nó górdio, apontando a recusa consciente do autor a fazer o habitual jogo ficcional de contar uma história e esperar que o leitor suspenda sua descrença - e fazer desta recusa o assunto do romance - é menos verdadeiro para com a experiência que tem do romance um leitor honesto, do que ir pacientemente desfazendo seus emaranhados. (GLEDSON, 2003. P. 3).

3. Descrição do sistema capitalista de produção, com seu autoconsumo e ao mesmo tempo a miséria de outros. Ver vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yy514Y5bVDY>.

Na verdade, Costa (2010), também descreve sobre o papel da mulher no século XIX, submissa ao patriarcalismo e a patronagem. A medida que no Brasil as mulheres também vivenciavam mudanças de pensamento, e então a autora descreve a sociedade que se inicia com as primeiras mulheres guerreiras em uma sociedade conservadora, então se casa cedo e também se separa cedo em uma época que esse comportamento era discriminado fazendo relação também a toda mudança que requer repulsa e também como houve guerra para se tornar República também há guerra para se tornar mulher com direitos nesta época, porém, as mulheres somente receberam o mínimo de direito, nada tomaram, apenas receberam o que lhe foi permitido.

As prescrições da Igreja reforçavam sua dependência e subordinação ao pai e ao marido e a confinavam aos papéis domésticos. Em 1875, um ilustre representante da igreja, Dom Antônio Macedo Costa, aconselhava a mulher casada a "amar seu marido, respeitá-lo como cabeça do casal, obedecê-lo com descrição e prudência, responde-lhe com gentileza e servi-lo com devoção, calando quando ele estivesse irritado, tolerando seus defeitos com paciência, não tendo olhos nem coração para outros". Esquecia-se o bispo de fazer idênticas recomendações aos maridos. (COSTA, 2010, p.495).

Essas recomendações resultaram na ideia de que a mulher começasse a pensar sobre o matrimônio. "Durante muito tempo, esses dois retratos – o da mulher dependente e o do poder patriarcal com seu inegável viés classista – ocultaram dos historiadores não só a complexidade e variedade da experiência feminina," (COSTA, 2010, 497). Em uma época em que tudo estava se reformulando "Como também as mudanças que estavam tendo lugar na vida das mulheres no decorrer do século XIX". (COSTA, 2010, P. 497). De acordo com esse período podemos perceber que muitos foram os aspectos representados.

[...] Nas últimas décadas do século XIX, profeministas, aliadas a republicanos e abolicionistas e aqueles que lutavam pela separação entre Igreja e Estado, abriram um caminho para uma mudança no bloco de poder. A escravidão foi abolida, a monarquia derrubada, igreja e estado separados, o sufrágio universal instituído (mais uma vez excluindo as mulheres) – mas o patriarcalismo e a patronagem sobreviveram. Para as mulheres, assim como para muitos outros setores da sociedade, a proclamação da república representou apenas uma mudança de guardas. Elas continuaram excluídas da arena política e subordinadas legalmente ao homem. A luta por sua emancipação e integração plena na sociedade brasileira foi legada às futuras gerações. (COSTA, 2010, 497).

Diante de todas as revoluções coube a mulher fazer sua própria revolução e da mesma maneira, aparece a figura da personagem Flora que se projeta para além da sociedade oitocentista, então caberia a mulher sertaneja se assemelhar a personagem Flora naquela época que mesmo estando na atualidade a mulher sertaneja em pleno século XXI ainda carrega raízes do período oitocentista, uma vez que a sociedade cobra a mulher o seu perfil social de acordo com o que rege os padrões sociais, tal como se cobrava da personagem Flora um casamento.

Segundo Joan Scott em seu artigo Gênero: uma categoria útil para análise histórica aponta que vivenciamos:

[...] Uma história que oferecerá novas perspectivas a velhas questões como por exemplo, é imposto o poder político, qual é o impacto da guerra sobre a sociedade), redefinirá as antigas questões em termos novos (introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a 'sexualidade no estudo da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas e estabelecerá uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixada do passado e nossa própria terminologia. Além do mais, essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e o futuro (utópico), porque ela sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com a visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também a classe e a raça. (SCOTT, 2018, P. 29).

Podemos analisar a personagem Flora sobre a premissa de que esta personagem representa uma crítica social, uma vez que mesmo o autor sendo do sexo masculino já apontava essa crítica com relação a submissão das mulheres. Como bem representa no livro Esaú e Jacó ao descrever que um terceiro e um quarto pretendente também não resolveria a situação da moça, uma vez que a apresentação de Machado demonstrava que a personagem Flora se encontrava contrária ao casamento não cabia a ela preocupação com o casamento, estando despreocupada com essa cobrança social.

É no século XIX, por exemplo, que se dá uma maior diferenciação entre os espaços públicos e privados, como aponta Michelle Perrot¹⁷. A pesquisadora coloca que, embora a Revolução de 1789 tenha deixado, dentre as suas marcas profundas, um receio generalizado associado a tudo que não fosse ou não pudesse se tornar público, o ideal doméstico não demora a surgir no horizonte da burguesia ascendente. Esta tem papel fundamental na disseminação desse modelo, infundindo-o nas classes populares e influenciando a própria aristocracia. (SOUSA, 2015, p. 17.).

Uma revolução que perpassa o social e se dissemina na identidade das mulheres, em especial a mulher sertaneja. Como antes no século XIX a mulher não devia ocupar o espaço do público, no entanto atualmente a mulher sertaneja, também se inquieta buscando reconhecimento de suas identidades.

A PERSONAGEM FLORA NO CONTEXTO DE ESAÚ E JACÓ

Filha de Batista, um homem de quarenta anos, advogado do cível e ex-presidente de província, e de D. Rita, uma criatura feliz, como descreve a narrativa da personagem Flora era totalmente contrária a eles, como descreve o próprio narrador.

Tinham uma filha única, que era tudo o contrário deles. Nem a paixão de D. Cláudia, nem o aspecto governamental de Batista distinguia a alma ou a figura da jovem Flora. Quem a conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à flor de uma só manhã, e teria matéria para uma doce elegia. Já então possuía os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe, nem o apagado do pai, antes mavioso e pensativo, tão cheio de graça que faria amável a cara de um avarento. Põe-lhe um nariz aquilino, rasga-lhe a boca meio risonha, formando tudo um rosto comprido, alisa-lhe os cabelos ruivos, e aí tens a moça Flora. (ASSIS, 1904, p. 62-63)

Além dessa descrição, o narrador acrescenta que esta bela jovem era ainda inteligente, contrária às festas e à dança mas gostava de música e mais do piano, estudava também o inglês. Até então, não se deduz que a personagem Flora fosse diferente das suas compatriotas femininas. No entanto, o próprio Aires (personagem importante, nas obras machadianas) já teria definido como inexplicável.

Nesta época, Pedro e Paulo a conheceram e ambos vieram a se apaixonar por ela. Até então a personagem Flora não se constitui como uma jovem diferente das demais da sua época, o que a difere é a sua posição em relação ao sentimento dos gêmeos pôr a mesma. A personagem Flora apaixona-se por Pedro e Paulo ao mesmo tempo e não consegue se decidir entre um e outro, o que provavelmente aconteceria em um romance realista ou romântico de algum outro escritor da época; no entanto, Machado de Assis não era tão realista logo, no romance em questão ele aponta que a personagem Flora via em Pedro o que faltava em Paulo e, em Paulo, o que faltava a Pedro.

Flora e a sua mãe no período oitocentista

A Personagem Flora era uma personagem incompreendida pela sociedade, “uma esquisitona como lhe chamava a mãe”, ou seja, uma estranha, assim como a mulher sertaneja é chamada por diversos apelidos se não estiver acompanhada em uma festa, as comunidades dos sítios de Gavião, Melancia e Lage Grande iniciam a realizar uma pressão para que as garotas se casem e apresentem um companheiro, pressão esta que se dar desde criança, como relatado pelas informantes em que são ensinadas desde pequenas a cuidarem bem da casa, a cozinhar e a organizar tudo da habitação, mas esquecem de pedir aos meninos que também possam colaborar nos serviços da casa.

Segundo a escritora Dulce Whitaker, em seu artigo nas franjas do rural e urbano, relata que as pobres meninas ficam confinadas no espaço doméstico, a elas cabe a TV e a arrumação da casa enquanto seus irmãos podem ir aos domingos jogar bola, e passear com os colegas, já as meninas precisam preparar o almoço e cuidar dos irmãos além de arrumar a casa.

De acordo com suas redações escolares, relataram que durante as festas em família os primos chamavam as garotas para brincarem, mas a tia não as deixavam, pois,

as meninas precisavam lavar a louça do almoço, além de comentar também que o pai tem hora para dormir e para acordar, mas a mãe não tem, pois, a irmãzinha pequena já não mais deixava a sua mãe dormir, além disso, a mãe precisava deixar o almoço pronto para o dia seguinte. Nesta pesquisa analisou-se que as meninas ao comentarem de suas vivências se preocupam mais em ajudar as mães, do que os privilégios em que os irmãos tinham sobre elas.

Uma vez que apenas comentam e não demonstraram indignação com isso, porém na atualidade algumas das informantes já demonstram perceber esses privilégios, mas algumas ainda não, pois salientam que 'homem é homem' e isso se percebeu mais nas informantes de maior idade, isto posto, entende-se que a mentalidade das sertanejas está mudando, mas, ainda estão presas a lares em que privilegiam sempre o masculino. Como observa Valadares.

Na sociedade do século XIX, quando o casamento era quase obrigatório para as mulheres, que na sociedade machista, não tinham opção de vida diferentes das que lhes eram impostas, aquelas que não seguissem seus ritos não eram compreendidas e, conseqüentemente, acumulavam alguns epítetos, como o que vimos a mãe da personagem Flora empregar. (2013, p. 133).

Como pode ser constatado na citação, a personagem Flora era considerada uma esquisitona, por que não demonstrava nenhum tipo de preocupação com o casamento, que era quase obrigatório na sociedade, da mesma forma, as moças que se mostravam indiferentes a estes valores sociais, eram vistas sob um olhar diferenciado recebendo em muitos dos casos diversos epítetos. É nesse sentido que optamos por analisar a personagem Flora como um modelo feminino que apesar de viver numa época marcadamente conservadora e opressora às mulheres, apresentam um comportamento característico de uma mulher mais moderna.

E é nesse contexto que aparece a angústia da mãe da personagem Flora ao perceber que a filha recebia os gêmeos “Quando retornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E a personagem Flora recebia-as todos com o mesmo rosto amigo”. (ASSIS, 1904, p. 40). Desta forma, a mãe alimentava a esperança que a filha escolhesse um. Intencionalmente a mãe já desejava que a personagem Flora se casasse. “Oportunamente, escolheria a um deles, pensava a mãe”. (ASSIS, 1904, p. 40). A personagem Flora estava contrária a continuação de uma sociedade em que a mulher deve inicialmente obedecer ao pai depois ao marido e por isso, a personagem se negava ao matrimônio.

Flora e a recusa ao matrimônio

Ao contrário do que o leitor habituado a outros finais felizes poderiam esperar, a personagem Flora não opta por um dos dois e muito menos vive um final feliz, o próprio Machado adverte ao leitor no capítulo XLVIII, que um terceiro pretendente também não resolveria a situação dela, nem mesmo um quarto ou um quinto, isso fica claro quando no capítulo XCV surge o terceiro pretendente da personagem Flora, o Gouveia, era um dos pretendentes da personagem Flora, que apesar de não se apresentar a jovem, mantinha

por ela uma grande paixão, como fica evidente na seguinte citação retirada do romance:

Aquela era oficial de secretaria. Geralmente os empregados de secretaria casam cedo. Gouveia era solteiro, andava as moças. Um domingo, à missa, reparou a filha do ex-presidente, e saiu da igreja tão apaixonado que não quis outra promoção. Tinha gostado de muitas, acompanhou algumas, esta foi a primeira que o feriu deveras. Pensava nela dia e noite. A Rua de S. Clemente era o caminho que o levava e trazia da repartição. Se a via, olhava muito para ela, detinha-se a distância, a porta de uma casa, ou então fingia acompanhar com os olhos um carro que passava, e tirava-os do carro para a moça. (ASSIS, 1904, p.161)

Como dissemos um terceiro pretendente não faltou, porém este não foi aos extremos pelo amor da jovem e, como advertiu o narrador, este também não resolveu o problema dela, que continuava angustiada e indecisa, eram estes sentimentos que ela desejava se afastar o mais rápido possível, se omitir da presença dos gêmeos, causa do seu conflito sentimental. D. Claudia percebendo o nervosismo da filha, e aproveitando a ocasião em que Aires se faria presente, pediu-lhe que conversasse com sua filha. Aires, após a conversa com a personagem Flora, convence a família de que ela necessita de novos ares. Igualmente, depois de algum tempo, ela vai morar com a irmã do conselheiro, D. Rita. Foi ali que surgiu o quarto pretendente.

[...] este valia mais que todos pela carruagem – tirada por uma bela parelha de cavalos, - capitalista do bairro. A casa dele era um palacete, os móveis feitos na Europa, estilo império, aparelhos de Sèvres e de prata, tapetes de Esmirna, e uma vasta cama com dois leitos, um de solteiro, outro de casado. O segundo esperava a esposa. (ASSIS, 1904, p.169)

Pela descrição, fica clara a influência do dinheiro na sociedade oitocentista, pois este pretendente valia mais que todos os outros, uma medida realizada á base dos bens materiais, mas que não deixa de ser uma medida. O quarto pretendente era o Nóbrega, que havia escolhido a moça para esposa. As relações capitalistas eram tão enraizadas na época que a D. Rita não hesitou em achar que o Nóbrega “[...] era a melhor solução da vida para a hóspede. Todas as incertezas, angustias e melancolias vinham acabar nos braços de um rico, estimado, respeitado, dentro de um palacete com uma carruagem às ordens[...]” Assis, (1904), no entanto, apesar da consulta da senhora a personagem Flora sobre o casamento com o Nóbrega, a resposta obtida foi curta e direta; “- Diga que não pretendo casar”. Assis (1904, p. 108).

No capítulo CIV, intitulado “A resposta”, Nóbrega expressa surpresa e assombração com a recusa da personagem Flora quanto ao casamento, este pretendente esperava uma resposta positiva, se julgando um partido irrecusável. Ele mesmo chegou a imaginar como nos relata o enredo, que “[...] ela ao ler a carta, devia ficar tão pasmada e agradecida, que nos primeiros instantes não pudera responder a D. Rita; mas logo depois as palavras saíam do coração às golfadas. ‘Sim, senhora, queria, aceitava, não pensava em outra coisa’ Assis, 1904, A recusa era tão ingrata, tão surpreendente que a única explicação aceitável para Nóbrega seria uma doença, ou seja, a personagem Flora estaria doente para recusar uma proposta irrecusável, claro que ela não estava, esta era uma suposição

do Nóbrega. A personagem Flora na verdade estava se impondo como dona de si, na plena execução do seu direito de recusar um casamento com um homem bem mais velho, rompendo com o costume de uma sociedade na qual a mulher não tinha direito, somente deveres de submissão.

No entanto, o pensamento de Nóbrega não é estranho, se considerarmos que o tempo histórico deste romance é o século XIX, e a sociedade, a oitocentista. Nesta sociedade esse tipo de proposta era irrecusável, mesmo que o noivo fosse bem mais velho que a dama pretendida, o que pesava na balança era a condição financeira do pretendente e não o que ele era. Além disso, a recusa ao casamento, ainda mais por parte da mulher, era inaceitável, socialmente inaceitável, visto que a sociedade era conservadora tradicional na época a melhor coisa que poderia acontecer a uma mulher oitocentista era casar-se com um homem rico, morar numa mansão com todo o conforto que o dinheiro pode lhe proporcionar, conquanto que desempenhasse o papel de boa mãe e boa esposa, ou seja que fosse o pilar de sustentação do lar.

Quanto a personagem Flora, a mera suposição da doença levantada por Nóbrega veio a se tornar realidade. A bela personagem Flora faleceu, quanto ao Nóbrega, este se sentiu de certa forma conformado, pois chegara à conclusão de que estava certo, o casamento não ocorrera porque a moça estava doente, mas nem por isso deixou de imaginar como teria sido o enterro, caso ele fosse o viúvo da falecida.

Nesse âmbito, a personagem se constitui como um artifício do autor para levar o leitor a refletir sobre o momento histórico e sobre a sociedade da época, pois como dito, pretendentes que quisessem casar-se com ela, não lhe faltaram, a bela dama, porém se mostrou negativa ao casamento, mesmo que com um pretendente muito rico, rompendo dessa forma, com as barreiras e os preceitos sociais da sociedade vigente no tempo histórico do romance.

Além disso, vindo de Machado, a presença de uma personagem principal feminina que ultrapassa as barreiras comportamentais do seu tempo (tempo histórico do romance), não é assustadora, muito menos espantoso, uma vez que em, *Esaú e Jacó* apesar de reflexos literários realistas coexistem muitos outros reflexos que são únicos do escritor, como o seu despreendimento do descritivíssimo exagerado de personagens e os espaços e a abertura ao leitor, que são essenciais para a construção do sentido da obra. Foram características como estas, únicas, que permitiram a atemporalidade das obras machadianas.

Segundo Mascarenhas (2005) “O município de São José da Tapera foi criado em 1957, desmembrado de Pão de Açúcar”. Para o censo 2010 do IBGE, a população total residente é de 30.088 pessoas, sendo que a população masculina é 14.850, enquanto a população feminina é de 15. 238 habitantes. Contudo, são mais mulheres do que homens. São 9.261 os habitantes da zona urbana (33,60%) e 18.301 os da zona rural (66,40%). A densidade demográfica é de 53,04 hab/km2.

O município de São José da Tapera está localizado na região W do Estado de Alagoas, limitando-se a norte com os municípios de Senador Rui Palmeira e Carneiros, a sul com Pão de Açúcar, a leste com Monteirópolis e Olho d'Água das Flores e a oeste com Piranhas. A área municipal ocupa 519,64 km2 (1,87% de AL), inserida na mesorregião do Sertão Alagoano e na microrregião de Santana do Ipanema, predominantemente na Folha Pão de Açúcar (SC.24-X-D-IV) e parcialmente nas folhas Piranhas (SC.24-X-C-VI), Delmiro Gouveia (SC.24-X-C-VI) e Santana do Ipanema (SC.24X-D-I), todas na escala 1:100.000, editadas pelo MINTER/SUDENE em 1973. A sede do município tem uma altitude aproximada de 255 m e coordenadas geográficas de 9°33'28,8" de latitude sul e 37°22'51,6" de longitude oeste. O acesso a partir de Maceió é feito através das rodovias pavimentadas BR-316, BR-101 e AL220, com percurso em torno de 220,30 km. (MASCARENHAS, et, al, p. 2, 2005).

A nossa pesquisa realizou-se na zona rural deste município com os sítios de Gavião, Lage grande e Melancia. Essas comunidades são próximas umas das outras e mantêm uma religiosidade pertinente, obtendo duas igrejas, uma na comunidade de Gavião, próximo a Escola de Educação Infantil e Fundamental Capitulino Lourenço de Araújo e a outra na comunidade de Lage Grande, local onde também passa o canal do sertão. É no espaço da igreja que as jovens mulheres iniciam a preparação para o matrimônio, primeiramente as jovens mulheres são batizadas, em seguida, realizam a primeira comunhão e por último se crismam, pois, são itens necessários para a realização do casamento perante a igreja católica que é o último sacramento do cristão católico.

Contudo, a análise se deu com dez informantes que residem nestas comunidades. A metodologia utilizada foi a técnica de entrevista semiestruturada com o estudo de caso em que colhemos informações das jovens informantes. A pesquisa foi realizada na comunidade em fevereiro do corrente ano e abordamos questões entrelaçadas a construção identitária feminina das comunidades de Gavião, Melancia, e Lage Grande. O que segundo Whitaker (2002) “O que é ser menina? O que é ser menina em cada espaço ou camada social? Numa sociedade como a nossa, cuja formação complexa criou subculturas heterogêneas, pensar em meninas na zona rural coloca mais questões do que as responde”. A personagem Flora não morava na zona rural mas mantém características de muitas mulheres que habitam neste lugar atualmente.

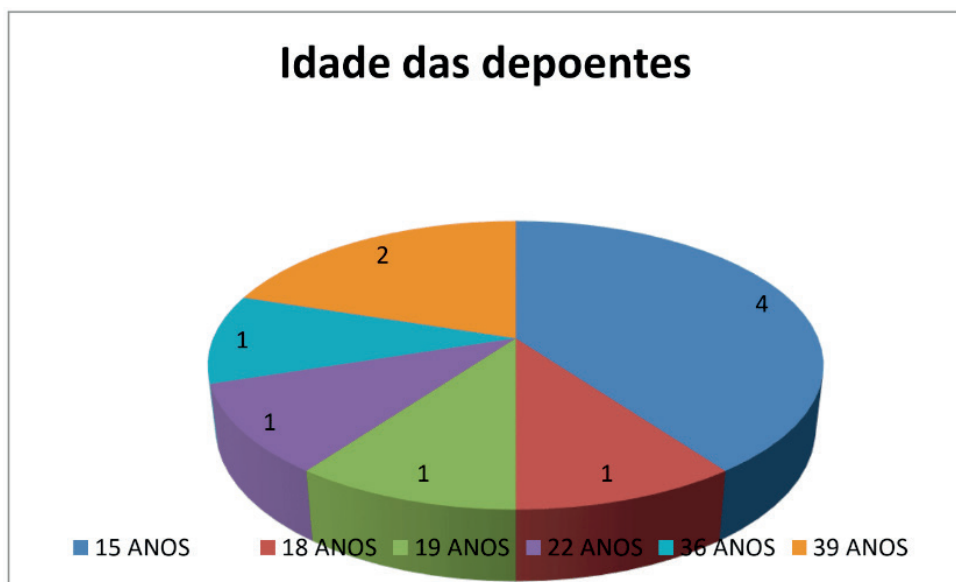
Contudo, apresento a seguir, gráficos e análises das entrevistas semiestruturadas das informantes que mesmo estando em pleno século XXI sofrem com o mesmo preconceito que a personagem Flora no século XIX, em uma sociedade conservadora que mantém uma cobrança para a mulher como uma obrigação com a submissão e ao casamento. Iniciamos a nossa análise com a idade das informantes, pois, os nomes não apareceram para preservar a identidade das mesmas, sendo utilizados apenas as iniciais. Apresentamos os

dados partindo de gráficos e tabelas, como prossegue adiante.

IDADE DAS INFORMANTES

Informantes	Idade	Quantidade
R. A. M. Ra	15 anos	4 pessoas
Mo	18 anos	1 pessoa
N	19 anos	1 pessoa
E	22 anos	1 pessoa
Me. G.	36 anos	2 pessoas
V	39 anos	1 pessoa

Fonte: própria. Tabela 01.



Fonte: própria Gráfico 01.

A escolha da faixa etária entre 15 e 39 anos, das informantes solteiras é devido a observação de que essas informantes estão inseridas em um contexto social de comunidades que mantêm um conservadorismo com relação ao matrimônio. Uma vez que as mulheres que passam dos 18 anos sem se casar já são consideradas moça velha, titia e solteirona. O que demonstra um preconceito com as jovens mulheres dessas regiões. A comunidade acaba apressando de forma indireta às jovens mulheres para se casarem antes dos 18 anos como observamos o relato a seguir.

Antes você queria ir pra algum lugar e tinha com quem você ir, tinha uma companhia, hoje não, hoje tem alguém grávida, hoje tem alguém que foi morar lá do outro lado do universo, que fugiu num sei com quem também,

outro que se juntou. Se eu for procurar hoje meninas aqui, só tem de 11 anos abaixo, ou fugiu ou tá grávida ou se juntou. Meus pais comentam que querem que eu me case, antes mesmo que eles morram, pois, assim eles ficariam despreocupados. Desde de quando eu era pequena minha mãe falava pra mim assim, quando for escolher alguém, olhar direito uma pessoa boa e de família. A maioria dos pais e das pessoas dessa região, se a pessoa chegar a ter 20 anos sem se casar, o povo já começa a falar. (N, 2018).

De acordo com a pesquisa, as informantes em determinados momentos da entrevista apresentam que as comunidades juntamente com os pais cobram das mesmas, uma reposta ao matrimônio, como bem descreveu a depoente anteriormente. Ao relatar a preocupação de seus pais sobre a realização de seu matrimônio antes mesmo que eles venham a falecer.

A mulher sertaneja no contexto familiar

No município de São José da Tapera em que estão localizadas as comunidades de Gavião, Melancia e Lage Grande todas situadas numa comunidade rural, as pessoas que nelas residem geralmente trabalham na agricultura. Plantando, feijão, milho, palma para alimentar os animais no período de estiagem. Também com a chegada do canal do sertão apareceu a plantação de frutas, verduras e raízes que vem contribuindo na economia local.

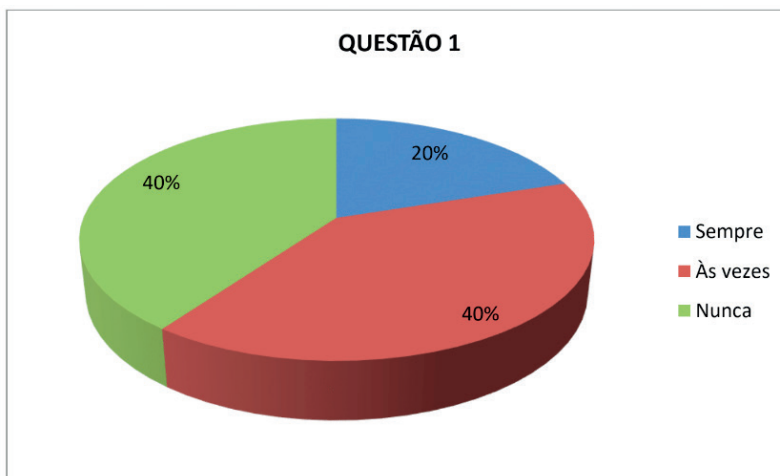
A função das mulheres é cuidar da casa das crianças e ajudar ao marido na roça. O esposo geralmente se ocupa de preparar a ração para os animais e vai para a roça. E os filhos homens ajudam os pais. As filhas mulheres ajudam as mães com os afazeres domésticos e também os pais, na preparação da ração para alimentar os animais como por exemplo cortar a palma, ir levar a ração na roça. É neste contexto que inicia a representação do estereótipo feminino.

A cultura da região é manter as famílias de acordo com as demais, no mesmo formato da comunidade. Repassando para as jovens mulheres, que devem crescer e estas se casarem, cuidarem de seus maridos e de suas casas e as que fugirem desse padrão não serão representadas na comunidade. As jovens mulheres são educadas para ajudar a mãe e os pais, porém, diferentemente, os meninos só podem ajudar aos pais. E nunca nos afazeres domésticos. A responsabilidade dos garotos é de cuidar das coisas fora de dentro da casa, ou seja, do gado da lida com a terra. Com isso, os meninos vão ganhando mais tempo para passearem jogarem bola e etc. A seguir apresentamos as perguntas que nortearam a pesquisa. Que iniciou com a *questão 01*, com a seguinte interrogação: Alguma vez já se sentiu pressionada por parte de sua família para se casar? E afim de dar continuidade ao dialogo perguntamos. E quantos anos você tinha quando esta pressão iniciou?

Se eu tivesse uns 30 aí sim, eu penso que por enquanto é a minha escolha. É melhor está sozinha do que mal acompanhada. As vezes passeio as vezes não, meus pais dão mais liberdade a meus irmãos homens, meus pais não costumam deixar, porque o homem tem mais liberdade e que o homem sabe se cuidar melhor do que as mulheres. Fica escutando a opinião do povo, que vão falar. Por exemplo estou eu e ela a minha irmã aqui em casa, se alguém chega e a casa não tá arrumada porque tamo estudando o povo vão falar, porque mulher ficou pra arrumar a casa. E se for o marido que chegue não vai gostar tem deles que concorda, mas tem deles que não. (M, 2018).

QUESTÃO 1	
Sempre	2
Às vezes	4
Nunca	4

Fonte: própria. Tabela 02:



Fonte: própria. Gráfico 02.

Mesmo respondendo que não sentem pressão para se casar as mesmas relatam sobre uma idade estimada para o casamento se concretizar, e os pais enxergam isso juntamente com a comunidade como algo baseado na proteção, uma vez que, se relaciona a dependência desta jovem para com seu marido. O homem da casa é o responsável por ser o chefe da família.

Contudo, podemos observar que as informantes que responderam as vezes, obtêm uma percepção maior sobre a pressão sofrida. Já as 20% que falaram sempre, parece que é complicado relatar o que sente. É como se fosse vergonhoso falar disso, principalmente quando a depoente se encontra numa faixa etária que pela comunidade já deveria ter se casado. Percebemos que a depoente não se sente muito confortável em falar sobre a pressão que sofre com relação a submissão e ao casamento.

A não dependência das jovens mulheres a fazem submissas a seus esposos. E é no trabalho extra casa que vem a independência feminina. Segundo relato a Formação escolar, é o que a maioria das informantes querem conseguir para poderem ter autonomia em suas escolhas, porém o que necessita é de uma reeducação social para que a dominação masculina possibilite espaço para que as jovens mulheres dessas comunidades alcancem sua independência.

Ao percebermos o relato de 40% das informantes que informaram que foram pressionadas para casar. Em muitos dos casos como, por exemplo, as informantes mais jovens de 15 anos, afirmam que se já tivessem uns 22 ou 30 anos teria sim pressão.

Contudo é a formação escolar que a maioria das informantes querem conseguir para poderem ter autonomia em suas escolhas, porém o que necessita é de uma reeducação social para que a dominação masculina der espaço para as garotas dessas comunidades alcançarem suas independências. O que segundo Whitaker:

Impossível, no entanto, pensar o Brasil como um todo, nos limites de um texto. Das palafitas da Amazônia aos pampas do Sul, os espaços diversificam-se exponencialmente e este balanço sequer está completo. Há cientistas sociais que ainda raciocinam em termos de casa-grande e senzala, espaço público e privado, dois brasis, casa e rua, e nesse esquema dual dão a mulher como invisível ou prisioneira (Whitaker, 2002, p. 10).

De acordo com a autora a ideia de invisível ou prisioneira, apresenta-se ao analisarmos os depoimentos, das jovens mulheres dessas comunidades, observamos que quando as mesmas não têm um namorado até os 18 anos, a própria comunidade já fica alertando sobre o casamento, pois, nesta comunidade não casar é ruim.

Segundo Beauvoir (1970) “Elas sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu”. Pois, a mudança não depende apenas das mulheres, mas de uma nação. Portanto, o respeito se faz muito necessário em uma sociedade que precisa aceitar as atitudes femininas com relação à pretensão para o casamento. As compreendendo e não as acusando de estarem errando com essa escolha é o que podemos observar que há muitas Floras que se sentem prisioneiras em sua própria comunidade como bem descreveram as informantes sertanejas. O que segundo Gonçalves.

O que não significa afirmar que a longa história do direito ao sufrágio feminino não tenha sido uma das mais instigantes e representativas batalhas, até do ponto de vista simbólico, pela afirmação do direito das mulheres. Apenas a história da discriminação e dominação a que estiveram submetidas ao longo da História não explica, suficientemente, as razões pelas quais as mulheres se viram excluídas do direito de voto. Não podemos nos esquecer de que o termo sufrágio universal, desde sua conquista pelo “povo” na luta contra os privilégios da nobreza, foi empregado de forma abusiva. Isso porque, originalmente, com suas raízes liberais, ainda não democráticas, seu exercício esteve restrito aos setores de proprietários, não se estendendo às camadas populares. (GONÇALVES, 2006, p. 29 – 30).

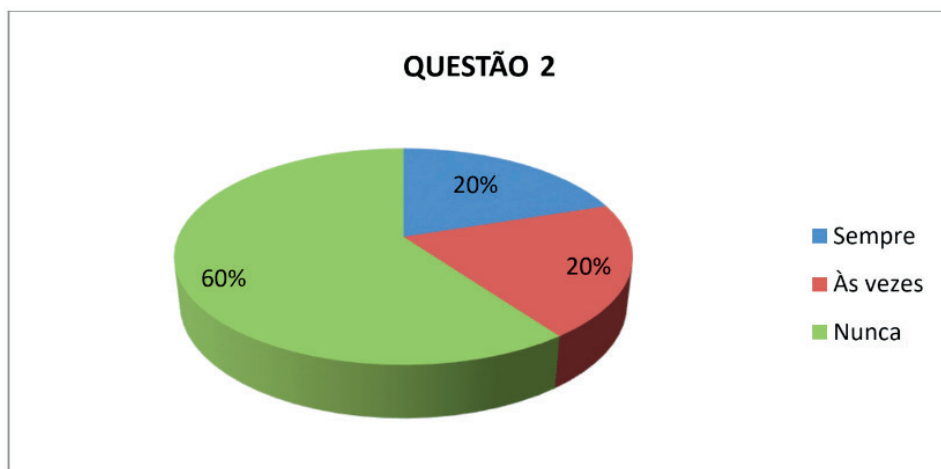
Na verdade, as informantes relatam sobre a busca de independência que segundo o dicionário online português, significa, estado, condição, caráter do que ou de quem goza de autonomia de liberdade com relação a alguém ou algo. O que acarreta descrever que é um ser que não se deixa influenciar, que é imparcial. Partindo dessa descrição observamos, que as jovens mulheres querem se utilizar de seus direitos saindo da manipulação. Da mesma forma, que ocorreu as lutas para o direito do voto.

Em busca de dar continuidade a nossa pesquisa, perguntamos na *questão 02*: Alguma vez já foi chamada por apelidos tais como: esquisitona, estranha, titia, solteirona, por não ter se casado ainda?

Me chamam de babá de velho. Foi uma escolha minha, muitas pessoas me criticam por conta disso, eu tinha um primo que era apaixonado por mim e que queria me levar para Santa Catarina e eu não quis. Meus avós querem que eu arrume alguém pra tocar a vida pra sempre, que não vou tê-los por toda vida. Hoje em dia o pessoal pensa que a mulher só é feliz se casar e tiver um companheiro e ter quem lhe sustente, e case, e bote filho dentro de casa, mais os casamentos hoje são muito complicados. Desde de pequena a menina é ensinada a passar e cozinhar pra cuidar do marido e dos filhos, criticam e acha que a pessoa que não quer se casar não quer nada com a vida. Pois a mulher é mais julgada e não pode fazer isso, nem aquilo e deve casar, e cuidar da casa, e de tudo, os homens podem ir onde quiser, viajar pra trabalhar e não é ignorado porque é homem e mulher não pode. Me sinto indignada e não acho certo, e irei educar diferente os meus filhos. (E, 2018).

QUESTÃO 2	
Sempre	2
Às vezes	2
Nunca	6

Fonte: própria. Tabela 03



Fonte: própria. Gráfico 03.

Observamos na tabela que seis informantes apontaram que nunca, porém relatam que se tivessem uns 20 anos já estavam sofrendo com isso. As jovens mulheres estão pensando diferente e até em educar os seus filhos e filhas, para compreenderem que o gênero feminino, também precisa ter seu espaço que perpasse as paredes domesticas e com isso, possibilitar uma futura geração que se comprometerá em educar de maneira menos conservadora as suas filhas.

De acordo com o gráfico, apenas 20% responderam que sempre foram chamadas por apelidos e 20% as vezes, o que dar um percentual de 40%, de jovens mulheres que

são apelidadas após os 20 anos por não terem se casado ainda. A comunidade já comenta que as jovens mulheres já não casam mais que passaram da idade. E 60% falaram que nunca sofreram com apelidos, pois, as mesmas ainda tem 15 anos e isso, faz com que não sejam apelidadas.

A partir do discurso da depoente a moralidade é algo em que as famílias estão preocupadas com as jovens mulheres e que segundo o dicionário online português é um substantivo feminino e significa atributo particularidade ou característica do que é ou possa está relacionado a moral, que se pauta ou pratica os fundamentos da moral. Podemos analisar esta situação com o cuidado que os pais têm com a virgindade das suas filhas. Um conservadorismo que inibi, a virtude os bons costumes e a honestidade. Uma imposição para as jovens mulheres seguirem um modo de vida que se baseei nos fundamentos que lhe são impostos perante a família e a comunidade. Cabendo às jovens mulheres representarem a família como se estas fossem um troféu. O que segundo Scott:

O gênero é, portanto, um modo de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os (as) historiadores (as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 2018, p. 23).

Isso demonstra uma comunidade que mantém costumes do século XIX, mas também precisa compreender que estamos vivenciando uma nova fase da sociedade moderna e que as relações de sexo sofreram mudanças ao longo da história. Na verdade, a personagem Flora estava representada na literatura como um estereótipo feminino da época, uma crítica social feita por Machado neste período, através do livro *Esau e Jacó*. A personagem Flora representando a sociedade oitocentista, que já não estava contente com a forma que as mulheres eram representadas e mesmo passando-se dois séculos, a mulher sertaneja, também, como a personagem Flora, quer conquistar a sua independência, seu projeto de vida, sua formação escolar. O que segundo Pereira.

A educação durante a monarquia estava ligada ao desempenho dos papéis sociais. Enquanto a educação masculina era direcionada para o exercício da cidadania e das funções públicas, a educação feminina estava voltada para as funções familiares e para a maternidade. A sociedade era pensada a partir da célula familiar e a vida social funcionava como uma ampliação da vida doméstica. No quadro das relações sociais patriarcais, aos homens cabia formar e dirigir os núcleos familiares através da procriação, sustentação e proteção; o lugar do homem era o de administrador dos espaços privados e públicos, do micro ao macro espaço sócio-político-econômico. (PEREIRA, 2017, p, 55).

Todavia, as mulheres não querem mais estarem no século XXI, presas a raízes do período oitocentista. Uma época em que o país estava passando por transições políticas. Em um período que as mulheres iniciaram a pensar diferente da mesma forma em que a política passava por transformações sociais. As mulheres iniciaram a brigarem por seus direitos.

Mais provável, porém é que a dificuldade real esteja realmente em datar um movimento que se manifesta em lugares e mediante formas e iniciativas as mais variadas. E que, exatamente por ser um movimento, não se reduz apenas às mobilizações que se intensificaram no século XIX em torno da “questão feminina”, mas que corresponde ao processo crescente e com ritmos variados de participação da mulher no mercado de trabalho, na paulatina presença feminina no espaço público, na atuação de porta vozes, que, a partir de lugares considerados como verdadeiros redutos femininos, como no caso da literatura, como se verá, as manifestações por meio da palavra escrita, da oratória, das publicações em jornais. (GONÇALVES, 2006, p. 18.).

As relações identitárias das mulheres estão mudando, e se antes as mulheres ocupavam apenas o espaço do privado, agora estão sendo permitidas a adentrar o espaço do público, são esposas, mães, trabalham fora, e isso deve ser visto com bons olhos pela comunidade como uma adequação e não como algo ruim. Contudo, ao analisarmos o inscrito de *Esau e Jacó* de Machado, retiramos o seguinte enunciado pertinente a pressão que Flora sentia para arranjar um namorado na época.

Mas donde viria o tédio a Flora, se viesse? Com Pedro no baile, não; este era, como sabes, um dos dois que lhe queriam bem. Salvo se ela queria principalmente ao que estava em S. Paulo. Conclusão duvidosa, pois não é certo que preferisse um a outro. Se já a vimos falar a ambos com a mesma simpatia, o que fazia agora a Pedro na ausência de Paulo, e faria a Paulo na ausência de Pedro, não me faltarão leitora que presuma um terceiro. Um terceiro explicaria tudo, um terceiro que não fosse ao baile, algum estudante pobre, sem outro amigo nem mais casaca que o coração verde e quente. Pois nem esse, leitora curiosa, nem terceiro, nem quarto, nem quinto, ninguém mais. Uma esquisitona, como lhe chamava a mãe. (ASSIS, 1904, P. 55).

Como pode ser constatado na citação, a personagem Flora era considerada uma esquisitona, por que não demonstrava nenhum tipo de interesse com o casamento, que era quase obrigatório na sociedade oitocentista, as moças que se mostravam indiferentes a estes valores sociais, eram vistas sob um olhar diferenciado recebendo em muitos dos casos diversos epítetos. É nesse sentido que optamos por analisar a personagem Flora como um modelo feminino (mesmo que ficcional) que apesar de viver numa época marcadamente machista e opressora às mulheres, apresenta o comportamento característico de uma mulher mais moderna, como as informantes sertanejas no século XXI que ainda sofrem com esse preconceito.

Contudo, a personagem Flora como retrata Machado não aceita a nenhum dos gêmeos e não quis se casar por isso, é apelidada de esquisita. Na verdade, a filha não escolhera nenhum dos gêmeos para namorar. E gostava dos irmãos Pedro e Paulo como amigos, como apresenta-se na citação a seguir. “Mas a personagem Flora não escolheu a nenhum. Ora bem, acabas de ver como a personagem Flora recebeu o irmão de Pedro, tal qual recebia o irmão de Paulo”. (ASSIS, 1904, p. 67). Conseqüentemente a personagem Flora representava na obra uma personagem que estava além do tempo histórico da obra, em vista disso, “A música tinha para ela a vantagem de não ser presente, passado ou futuro; era uma coisa fora do tempo e do espaço, uma idealidade pura”. (ASSIS, 1904, p. 80). O período oitocentista em que foi escrito *Esau e Jacó*, foi marcado por revoluções feministas

pois as mulheres já não conseguiam cala-se a sociedade patriarcal da oitocentista. Seria este o ideal feminino da época, que Machado representou em sua obra.

Mais provável, porém, é que a dificuldade real esteja realmente em datar um movimento que se manifesta em lugares e mediante formas e iniciativas as mais variadas. E que, exatamente por ser um movimento, não se reduz apenas às mobilizações que se intensificam no século XIX em torno da questão “feminista”, mas que corresponde ao processo crescente e com ritmos variados da participação da mulher no mercado de trabalho, da paulatina presença feminina no espaço público, na atuação de porta-vozes que, a partir de lugares considerados como verdadeiros redutos femininos, como no caso da literatura, como se verá, se manifestam por meio da palavra escrita, da oratória, das publicações em jornais. (GONÇALVES, 2006, P. 19).

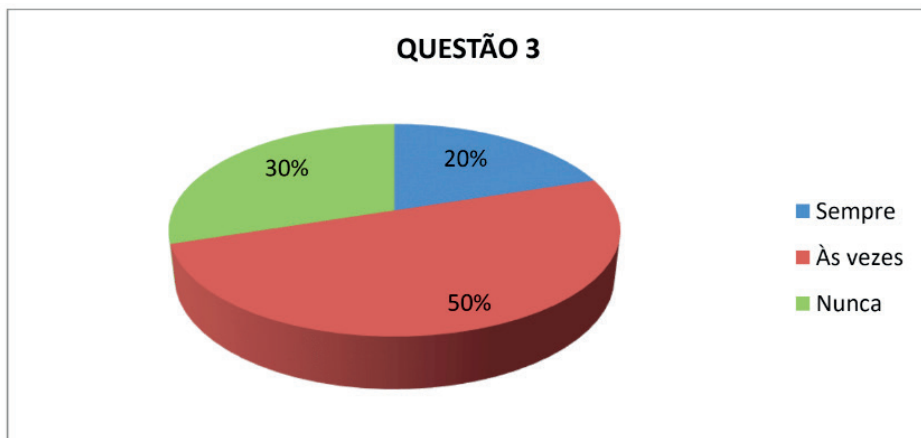
Portanto, as mobilizações feministas dão maior ênfase no século XIX, pois, as mulheres passaram a se posicionarem diante do espaço do público, através de literaturas e aproveitando as revoluções diante da política para também realizar as suas reivindicações a favor de seus direitos.

Adiante perguntamos com a *questão 03*: Já se sentiu desconfortável entre conversas com amigos ou parentes ao relatar sobre a necessidade para casamento?

Os pais planejam que as filhas se casem. A intenção deles é ver as filhas todas casadas né. E Se tivesse uns 20 anos por aí iria dizer que já estava na hora de casar. Dizem que a pessoa é feliz quando se casa, que mulher nasceu pra casar né. Diariamente fala que deve aprender a fazer as coisas para quando casar saber. Meu irmão quando chegava se tivesse uma tuaia, no sofá uma coisa ele brigava muito. Eu merma achava que ele não ia deixar a muier dele estudar mas a primeira coisa que ele fez quando casou foi matricular ela pra ela terminar os estudos, e com certeza ele pega no pé dela pra fazer as coisas. Se a gente tivesse que sair de casa tinha que deixar tudo arrumado e comida pra ele, e ele não fazia nada, nem era cobrado porque é o papel da mulher. Então a mulher deve namorar certinho e se casar, se não, não tá certo. As menina acham que os pai vivem bem. Pensam que iram se casar e viver bem também e não é assim. Os pais veem o casamento, como uma realização e que vai se casar, acham que vão serem felizes se influenciam pelos pais e pensam que terão a mesma relação boa dos pais, então a opção que sobra é o casamento). (Mo, 2018).

QUESTÃO 3	
Sempre	2
Às vezes	5
Nunca	3

Fonte: própria. Tabela 04.



Fonte: própria. Gráfico 04.

Ao analisar a fala da depoente acima observamos que a mentalidade masculina vem mudando e o irmão dela já pensa que a esposa possa estudar, mas cabe a esposa a responsabilidade de manter a casa limpa, a comida em ordem e as crianças também, pois, isto é trabalho feminino e por isso, as jovens mulheres acabam trabalhando mais do que os jovens homens.

O interessante é que a mesma comunidade que apelida as jovens mulheres não se casa cedo, é a mesma que questiona e fala mal quando as jovens mulheres engravidam e tem filhos aos 15 anos de idade. As jovens mulheres costumam se casarem com uma faixa etária que lhes permite perderem toda a sua juventude, como também a sua formação, pois, o que ocorre é uma troca dos livros por um bebê nos braços, e ter uma casa para cuidar.

Um período em que as jovens mulheres poderiam estar se planejando para desenvolver seu projeto de vida. A sua consciência crítica sobre o mundo. Para saber realizar as suas escolhas. E com isso poderem realizarem uma revolução contra o patriarcalismo.

Na verdade, o depoimento da jovem mulher relata que nestas comunidades há uma definição de coisas de homem e coisas de mulher pois, para as jovens mulheres está o espaço do privado, a arrumação da casa, dos animais, a elaboração da comida já para os jovens homens, estes tem a liberdade de sair com maior frequência e também de reclamar com as suas irmãs, caso as suas roupas não estejam no lugar, ou mesmo a casa que deve estar sempre em ordem, mas ordem essa que deve sempre ser mantida pelas irmãs. O que segundo Dohnson:

Mas o valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social. Ainda que a maioria das definições de gênero implique hierarquia entre as categorias de sexo, não viabiliza os perpetradores do controle/ violência. Desconsiderando o patriarcado, entretanto, o feminismo liberal transforma o

privilegio masculino numa questão individual apenas remotamente vinculada a esquema de exploração-dominação mais amplos, que o promovem e o protegem. (SAFFIOTI apud JOHNSON, 1997, p. 122).

Portanto, quando a escolha da jovem mulher não é se casar cedo, mais buscar uma formação ou outros objetivos. A mesma se sente coagida uma vez, que está indo contra o sistema da comunidade e acaba se sentindo sozinha, pois as amigas, já estão casadas e com filhos e não tem mais com quem passear, com as amigas, por exemplo; ir para aniversários e casamentos, uma vez que, está apenas com os pais lhe tira o contato com jovens da sua mesma idade, sem falar das perguntas que as pessoas da comunidade sempre iram perguntar como por exemplo, cadê o namorado, cuidado vai ficar coroa, sempre questionando sobre alguma companhia.

A partir da expansão das Universidades Públicas e Institutos Federais, a formação escolar e universitária se tornou mais próxima das jovens mulheres sertanejas. Um sonho que pode se tornar realidade, porém, mesmo se as jovens mulheres sentirem a vontade de estudar, a família acaba por não querer permitir que as jovens mulheres migrem para a cidade mais próxima para continuar os seus estudos, pois, as mesmas devem permanecerem em seus lugares como uma jovem prendada para o casamento.

Para estas jovens mulheres não lhes é possibilitado trilhar novos caminhos que adentrem o espaço do público, pois, a mulher é enxergada como uma serva o que segundo Beauvoir: “Votada a procriação e às tarefas secundárias, despojada de sua importância prática de seu prestígio místico, a mulher não passa desde então de uma serva”. Com isso, se dar a mulher a obrigação a alienação como bem relata Beauvoir:

Durante todo o século XIX a jurisprudência não fez senão reforçar os rigores do código, privando, entre outras coisas, a mulher do direito a alienação. Em 1826, a Restauração aboliu o Divórcio; a Assembléia Constituinte de 1848 recusou-se a restabelecê-lo; êle só reaparece em 1884, mas ainda com toda espécie de obstáculos a sua obtenção. Em verdade, a burguesia nunca foi mais poderosa, mas compreende que ameaças implica a revolução industrial; por isso, se afirma com a autoridade inquieta. A liberdade de espírito, herdada do século XVIII, não fere a moral familiar, esta permanece tal qual a definem, no início do século XIX, os pensadores reacionários como Joseph de maistre e Bonald. Estes assentam na vontade divina o valor da ordem e reclamam uma sociedade rigorosamente hierarquizada: a família, célula social indissolúvel, será o microcosmo da sociedade. “O homem está para a mulher como a mulher para a criança; ou o poder para o ministro para o súdito”, escreve Bonald. Assim, o marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem. O divórcio é naturalmente proibido e a mulher confinada ao lar. “As mulheres pertencem á familia e não a sociedade política, e a natureza as fêz para as tarefas domesticas e não para as funções públicas”, afirma ainda Bonald. Na família que Le Play define, em meados do século, essas hierarquias são respeitadas. (BEAUVOIR, 1970, P. 143 – 144.).

De acordo com os padrões sociais do século XIX, as mulheres não eram vistas para terem uma formação escolar. Para elas estava resguardado o espaço doméstico, a sua dedicação estaria voltada para o cuidado com os filhos, o marido e a casa. Como também a mulher sertaneja do século XXI esta também é percebida pela comunidade para atuar no

espaço doméstico. As comunidades, se mantêm a luz dos preceitos sociais do século XIX período que deu luz a personagem Flora, uma crítica social em que Machado relatou em seu livro *Esaú e Jacó*.

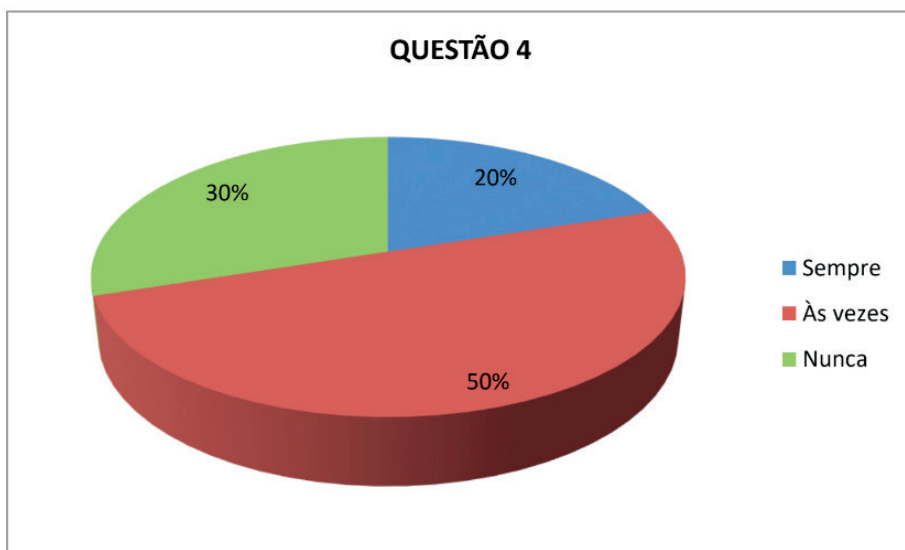
As informantes não se sentem bem com a pretensão da comunidade em manter todas as jovens mulheres no mesmo perfil e as que fogem ao padrão social deste lugar, são tidas como esquisitonas e como não pertencentes daquele ambiente que é um lugar reservado para ser agradável a apenas as jovens que se enquadram neste perfil social.

Questão 04: Seus pais já relataram uma preocupação com relação ao seu matrimônio? E justificam que morreram felizes se deixarem você casada ou suas irmãs?

Os pais dizem que a gente case bem casada, com pessoa boa pra viver até morrer, que todo mundo precisa de companhia e que moça veia não casa mais e fica enjoada, reclamando de tudo, o certo é casar quando tá nova, que também só tem filho nova, e eles ficaram tranquilos se a pessoa se casar com pessoa boa pra viver, pois, não temos eles por toda vida. Porque se ficar veia pra depender de irmão só vai sofrer. (M, 2018).

QUESTÃO 4	
Sempre	2
Às vezes	5
Nunca	3

Fonte: própria. Tabela 05



Fonte: própria. Gráfico 05.

Analisando as respostas das informantes, percebeu-se que as mesmas necessitam de estabilidade o que segundo o dicionário online português estabilidade se classifica como

um substantivo feminino e significa solidez e segurança; qualidade daquilo que é estável. Contudo, ao refletirmos sobre a estabilidade como item fundamental para as jovens mulheres sertanejas alcançarem uma estabilidade emocional, familiar podendo atuar como sujeitas e donas de suas escolhas e liberdade para passear saindo do espaço doméstico e com isso realizar o sonho de estudar.

Sendo a estabilidade uma segurança que pode vir a partir do estudo e não do matrimônio, porém os pais e a comunidade, se preocupam com a moralidade porque as filhas casadas essas não serão discriminadas como tudo que está à margem, neste caso a estabilidade possibilita as mulheres as suas escolhas e isso implica em uma descentralização de poder o que a própria comunidade rejeita. Na verdade, a estabilidade feminina sempre estará em defasagem com a masculina pois, mesmo a mulher trabalhando a mesma quantidade de horas que os homens, estas mantêm um salário ainda menor como bem descreve Beauvoir:

Na França, segundo inquérito realizado em 1889 – 1893, para um dia de trabalho igual ao do homem, a operária só obtinha metade da remuneração masculina. Segundo o inquérito de 1908, os mais altos salários das operárias trabalhando em domicílio não ultrapassavam vinte centimos por hora e desciam, às vezes, até cinco centimos. Era impossível á mulher, assim explorada, viver sem esmola ou sem protetor. Na América do Norte, em 1918, a mulher recebia apenas metade do salário masculino. Nessa mesma época, por igual quantidade de carvão extraído das Minas alemãs, a mulher ganhava 25% menos do que o homem. Entre 1911 e 1943, os salários femininos, na França, se elevaram um pouco mais rapidamente do que os dos homens, mas permaneceram nitidamente inferiores. (BEAUVOIR, 1970, p. 151.).

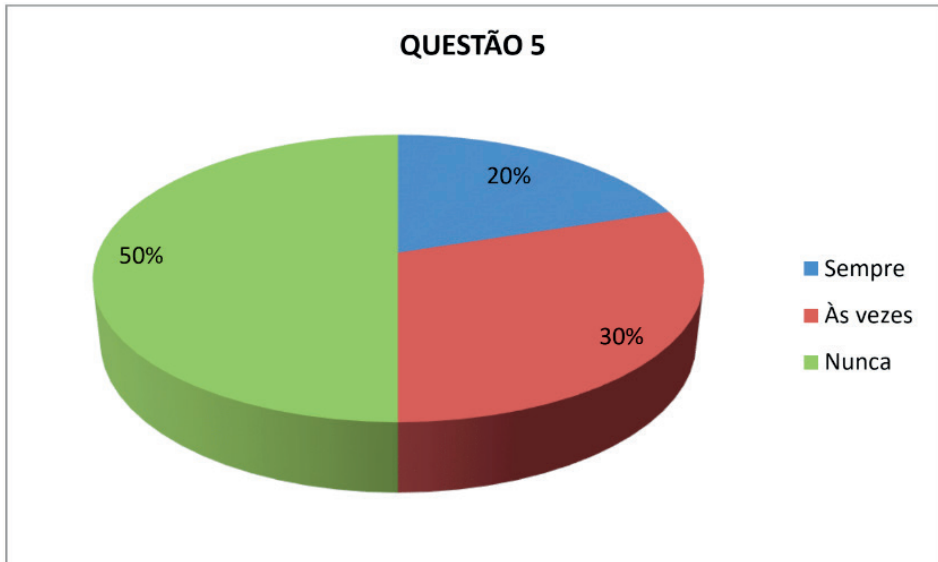
Diante do exposto, observamos que a estabilidade feminina é algo que necessita de muitas lutas para se conseguir pois, a sociedade criou o sexo masculino para este ser o chefe da família. As comunidades estudadas ainda se mantêm com a ideia de que o homem da casa é o que toma todas as decisões e com isso, prevalece o patriarcalismo.

Continuando, perguntamos na *questão 05*: Sua família ou amigos já relatam em algum momento que a felicidade se completa quando se casa?

As pessoas comentam que mesmo que não casem tenha namorado, há essa cobrança. Todo mundo aqui quer que a filha se case é bem comum por aqui essas conversas. Os pais só querem que as filhas se casem, não se preocupam muito com estudo. (Me, 2018).

QUESTÃO 5	
Sempre	2
Às vezes	3
Nunca	5

Fonte: própria. Tabela 06.



Fonte: própria. Gráfico 06.

E obtivemos as seguintes respostas das informantes, como indicadas abaixo, 20% relatam que a felicidade se completa com o casamento, 30% as vezes e 50% descrevem que nunca ouviram esses relatos.

Dessa maneira, a depoente, Me descreve a relação em que a sociedade mantém com as jovens mulheres e também com o casamento. Pois, a preocupação da maioria dos pais está relacionada ao matrimônio, uma necessidade que perpassa a formação, mas como também as jovens mulheres se casam muito cedo na maioria dos casos o ensino médio não dar para concluir e estas raramente voltam a estudar, pois, quando se casam logo tem criança e com isso, fica mais complicado ir à escola. As jovens mulheres geralmente não concluem o ensino fundamental completo o que acarreta um maior fator de desigualdade social.

Na verdade, a comunidade relaciona a felicidade completa com o casamento e com ele realizará a mulher que estará apenas para servir ao seu esposo e cuidar da casa e das crianças, não cabendo a mulher ter outros sonhos.

Nesta comunidade a representação da felicidade, para muitos ainda está atrelada para a mulher ao casamento, seria está uma realização, e depois dele, todo o restante da vida seria perfeita é como se a realização dependesse do casamento e após ele, seguiria apenas cuidando dos filhos, do lar, e do marido, como sendo a formação de uma família através de um casamento a felicidade completa.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho,

distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2012, P. 18).

Desta maneira as informantes são preparadas para ocuparem apenas o espaço do privado, as mães preparam as filhas desde pequenas para saberem arrumar a casa, cuidar da comida e dos irmãos pequenos. Para que seja uma filha prendada, para ter um bom casamento. Esta relação também ocorreu com a personagem Flora no livro *Esaú e Jacó*, quando Dona Rita irmã do conselheiro Aires aconselha a sobrinha Flora.

Deu conselhos à moça, pôs em relevo a posição do pretendente, o presente e o futuro, a situação esplêndida que lhe dava este casamento, e por fim as qualidades morais de Nóbrega. A moça escutou calada, e acabou rindo outra vez. A senhora sabe se serei feliz? perguntou. Creio que sim; agora, o futuro é que confirmará ou não. Esperemos que o futuro chegue, conquanto me pareça muito demorado. Não nego as qualidades daquele homem, parece bom, e trata-me bem, mas eu não quero casar, D. Rita. (ASSIS, 1904, P. 113).

Nas comunidades estudadas, o poder se mantém sempre do lado masculino, contudo, essas jovens mulheres devem compreenderem isso, e não questionarem pois, será como uma ameaça ao conservadorismo familiar e comunitário. Segundo Scott:

Trata-se de exemplos de ligações explícitas entre o gênero e o poder, mas elas só são uma parte da minha definição de gênero como um modo primeiro de significar as relações de poder. Frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino. A articulação do conceito de classe no século XIX baseia-se no gênero. Quando, por exemplo, na França os reformadores burgueses descreviam os operários em termos codificados como femininos (subordinados, fracos, sexualmente explorados como as prostitutas), os dirigentes operários e socialistas respondiam insistindo na posição masculina da classe operária produtores fortes, protetores das mulheres e das crianças). Os termos desse discurso não diziam respeito explicitamente ao gênero, mas eram reforçados na medida em que se referenciavam a ele. A codificação de gênero de certos termos estabelecia e “naturalizava” seus significados. Nesse processo, as definições normativas do gênero historicamente situadas (e tomadas como dados) se reproduziam e se integraram na cultura da classe operária francesa (55). (SCOTT, 2018, p. 26-27).

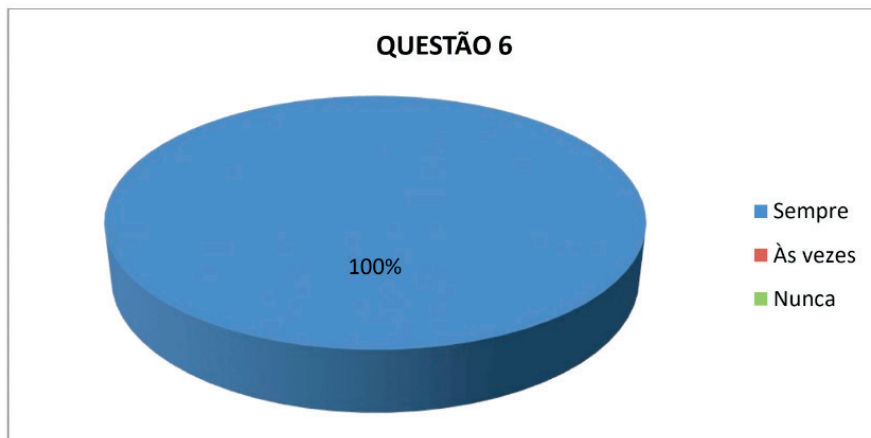
Na verdade, a cultura da classe operária francesa permanece nas comunidades estudadas, uma vez que para as jovens mulheres o que desejam é conseguirem atuarem no espaço do público sem precisar a própria família ou comunidade lhes julgar como se estivessem realizando algo de errado.

Continuamos de modo igual, e perguntamos *na questão 06*: Em sua comunidade qual a faixa etária em que as moças costumam se casar? E você, pensa em se casar? Com que idade, pensa em se casar? A depoente A responde

Aos 15 anos já estão casadas, as meninas aqui se casam novinhas. Eu quero estudar e depois que eu tiver um bom trabalho eu penso em me casar. Que assim o marido não vai ser ruim, e se for a pessoa tem do que viver. Eu quero me casar com uns 25 anos. (A, 2018).

QUESTÃO 6	
Antes dos 18 anos	10
Após os 18 anos	0
Após os 25 anos	0

Fonte: própria. Tabela 07.



Fonte: própria. Gráfico 07.

A juventude dessas jovens mulheres é interrompida uma vez que as mesmas se casam antes dos 18 anos e aos 15 já são mães, as mesmas não usufruem da sua adolescência como também a sua escolarização é interrompida. O que segundo Beauvoir:

[...] Na horda primitiva a sorte da mulher era muito dura; entre as fêmeas animais a função reprodutora é naturalmente limitada e, quando se efetua, o indivíduo é dispensado mais ou menos completamente de outras fadigas; somente as fêmeas domesticas são por vezes exploradas por um senhor exigente até o esgotamento de suas forças como reprodutora e de suas capacidades individuais. Foi esse, sem dúvida o caso da mulher num tempo em que a luta contra o mundo inimigo reclamava o pleno aproveitamento dos recursos da comunidade; às fadigas de uma reprodução incessante e desregrada acrescentavam-se as duas tarefas domesticas. Entretanto, certos

historiadores pretendem que é nesse estágio que a superioridade do homem é menos acentuada. O que se deveria dizer é que essa oportunidade é, então, imediatamente vivida e não ainda colocada e desejada; ninguém se aplica em compensar as desvantagens cruéis que prejudicam a mulher, mas não se procura tampouco cerceá-la como acontecerá mais tarde em regime paternalista. Nenhuma instituição homologa a desigualdade de sexos; mesmo porque não há instituições, nem propriedade, nem herança, nem direito. A religião é neutra: adora-se algum totem assexuado. (BEAUVOIR, 1970, p. 86).

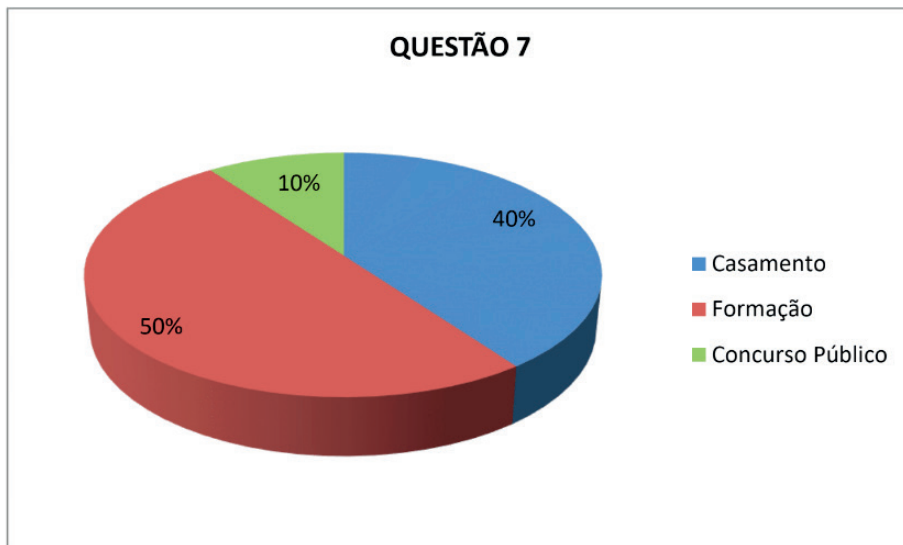
As jovens mulheres, se preocupam com uma formação antes do casamento, porém a preocupação dos pais com o casamento é mais do que com a formação. Como observado na tabela, as respostas das jovens mulheres apontam que o casamento se dar antes mesmo dos 18 anos de idade e mesmo com essas jovens mulheres querendo estudar não é permitido devido o casamento chegar antes mesmo que a jovem venha terminar o seu ensino fundamental completo. Por conseguinte, foi perguntado *na questão 07*: Qual a maior preocupação de seus pais em relação aos itens abaixo: casamento, concurso e formação. A depoente A relata:

Eu acho que geralmente é com meus estudos. Mamãe manda sempre eu estudar, eu estudo, eu gosto, eu quero trabalhar pra poder estudar, e assim eu queria ir estudar no IFAL mas dona encrenca¹ não deixou, se fosse o meu irmão poderia ir mas como sou eu eles acham que mulher não sabe se cuidar sozinha e o homem sim. Mas eu quero trabalhar pra estudar. (A, 2018).

QUESTÃO 7	
Seu casamento	4
Sua formação	5
Concurso público	1

Fonte: própria. Tabela 08.

1. Apelido dado a mãe da garota.



Fonte: própria. Gráfico 08.

Na verdade, mesmo tendo um carro da prefeitura transportando os discentes para o IFAL e passando pertinho da casa da jovem mulher, a mãe não deixa ela estudar, então, não será a condição material, mas sim uma opressão masculina. Com isso, a maior preocupação dos pais segundo a depoente é com a sua formação, isso demonstra que os pais querem que as filhas estudem, porém que se casem também, para os pais o casamento supre todas as necessidades de estabilidade, em que uma formação permite, e contudo, o mais importante é o matrimônio. Pois, é necessário que as jovens mulheres fiquem em casa, como uma jovem mulher de família que sabe cuidar bem da casa, e com isso, ser boa esposa. Isso na verdade, implica com que, estas jovens mulheres optem por se casarem cedo, pensando que vai ser melhor, e acaba não sendo, pois, se há dificuldade quando é solteira quando se casam as dificuldades somente aumentam.

De acordo com a pesquisa as jovens mulheres também querem se casar para não sofrer com a repulsa da sociedade, uma vez que se a sociedade respeitasse a opção de cada uma, essas meninas iriam demorar a se casar e se realizarem profissionalmente se livrando da dominação masculina.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2012, P. 7 – 8).

E então observamos abaixo as respostas dos questionários das informantes que relatam que 50 % da preocupação dos pais é com a sua formação e 40% com o casamento e 10 % com aprovação em um concurso público, isso demonstra que as respostas se

contradizem entre entrevista semiestruturada, pois, as jovens mulheres não tem uma consciência formada sobre a repressão sofrida com relação a submissão e ao casamento.

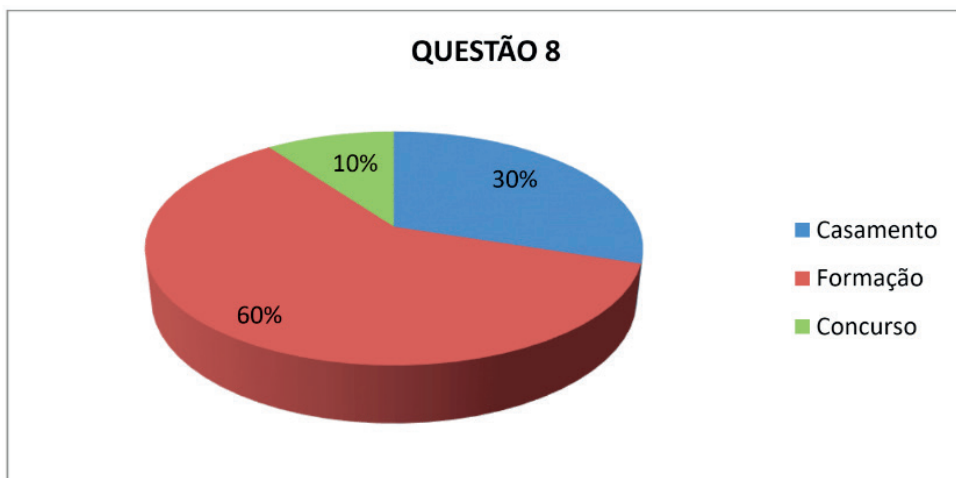
A mulher sertaneja e seu projeto de vida

A próxima pergunta será a *questão 08*, e foi perguntado, Para você o que será mais importante em seu planejamento futuro? Você tem um projeto de vida? E obtivemos a seguinte resposta da depoente A.

Minha formação, porque por enquanto isso que mais tá precisando é o básico porque eu não tenho condições de estar estudando muito. Eu quero começar a trabalhar para pagar meus estudos, eu quero estudar, e pra isso preciso trabalhar, pois com meu dinheiro ninguém vai reclamar. (A, 2018).

QUESTÃO 8	
Casamento	3
Formação	6
Concurso	1

Fonte: própria. Tabela 09.



Fonte: própria. Gráfico 09.

Conseqüentemente, para as informantes pesquisadas o mais importante será os estudos para com isso, conseguirem serem independentes. Uma vez que, somente, com dinheiro terá uma maior liberdade, ou seja, independência e mesmo com a comunidade contra é plausível de mudança para a vida das informantes que estão mais preocupadas em se realizarem profissionalmente, podendo serem responsáveis por suas escolhas com relação a se casarem ou não, morarem sozinhas ou não. E não apenas realizar o desejo da família ou a comunidade, mas causar uma revolução e fazer a comunidade entender que a

mulher pode ter outras escolhas como decidir o que é melhor para a sua vida. Isso partindo de uma formação. Como bem descreve Machado a sua personagem Flora.

E sentando-se ao pé dele, a mocinha confessou que tinha a ideia justamente de aprender desenho e pintura, mas se havia de pó tinta de mais ou de menos, e acabar não pintando nada, melhor seria ficar só na música. A música ia bem com ela, o francês também, e o inglês. (ASSIS, 1904, p.39).

Portanto, as jovens mulheres querem concretizar sonhos. Iniciando pela formação como bem desejava a personagem flora. Formação esta interrompida pelo casamento realizado ainda na adolescência das jovens mulheres sertanejas.

[...] O casamento capaz de estabelecer relações igualitárias, ter-se-ia que dar entre indivíduos. Ora, não é isto que ocorre, pois ele une um indivíduo a uma subordinada. Aquilo que é trocado no casamento não é propriamente propriedade ou, pelo menos não é necessário que assim seja. [...] (SAFFIOTI, 2004, p. 128).

Portanto, as jovens mulheres não querem apenas ser donas do lar, mães e esposas, estas desejam ocupar o espaço do público, e se realizarem profissionalmente, as jovens mulheres desejam serem valorizadas, pela busca incessante de visibilidade, mas como bem descreve Saffioti, o elo que une a sociedade conservadora, faz da mulher uma subordinada, uma troca de poderes que é fomentado pela comunidade da seguinte forma, o marido casa e dar um prestígio social a esposa e a esposa é integralmente dedicada ao marido. Para que os projetos de vida dessas jovens garotas se concretizem é necessário que as mesmas realizem uma formação. Como bem destaca Beauvoir:

[...] O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? (BEAUVOIR, 1970, p. 26).

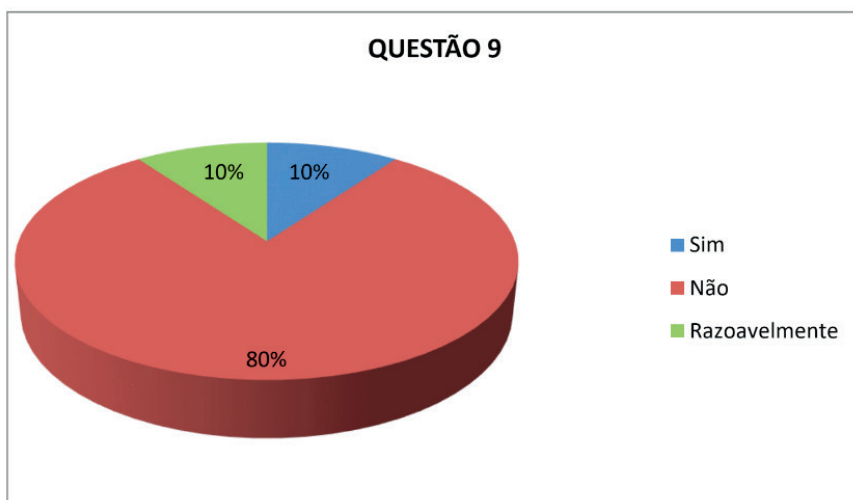
Como bem relata Beauvoir a situação da mulher para a independência acarreta uma série de questionamentos, pois, para este projeto de vida das informantes sertanejas ocorrer, se faz necessário as mesmas terem liberdade para estudar, para poder conseguir encontrar a tão sonhada independência. De acordo com o gráfico citado anteriormente. Com as respostas das jovens mulheres com relação a importância do planejamento futuro, observou-se que as informantes querem seguir seus estudos e as respostas apontam que sessenta por cento deseja se formar, obtendo isso, como algo de maior pretensão para suas vidas. Na verdade, é através dessa formação que as jovens mulheres podem adquirir a sua independência, pois, a educação pode tornar estas críticas para poderem compreenderem o contexto social em que estão inseridas, e com isso, se posicionar a favor de seus direitos.

A próxima questão a ser analisada é a *questão 9*: e a pergunta é: Seus pais lhe apoiam caso você precise morar em outra cidade para estudar longe do convívio deles sem reclamarem?

Não sem reclamarem não, tem eu e meu irmão, cada um tem sua parte, as vezes eu faço mais, e quando cada um sai aí fica difícil para todo mundo, mas por essa questão, mas por questão do estudo não. Mas é mais por causa das coisas. (N, 2018).

QUESTÃO 9	
Sim	1
Não	8
Razoavelmente	1

Fonte: própria. Tabela 10.



Fonte própria, gráfico 10.

O relato da depoente demonstra o quanto os pais privilegiam os jovens homens, das jovens mulheres, as jovens mulheres não podem estudar fora porque não sabem se cuidar. Ou será devido a dominação masculina ocultar essas jovens mulheres desses espaços. É justamente essa busca por uma proteção masculina que acaba atrapalhando a essas informantes de continuarem seus estudos, pois, como estão localizadas na zona rural para dar continuidade ao ensino médio e superior. Essas informantes deveriam sair de casa e ir estudar na cidade mais próxima. E sem o apoio dos pais esse sonho não será possível.

Neste caso analisando o relato da depoente quando diz, que o irmão pode sair, mas ela não, porque se todos saem fica difícil, mas é mais por causa do cuidado com os afazeres domésticos, com os animais, para colocar a ração, levar o gado solteiro para outro cercado, como também as vacas de leite, colocar água para os animais, pois, devido esta comunidade está localizada no sertão alagoano, a escassez por água é muita, e com o período de estiagem, é necessário colocar água para os animais beberem em outro lugar, pois, as barragens secam.

Como também quando a palma² acaba é necessário comprar em outro lugar e ir buscar, mas esta parte na maioria das vezes os jovens homens vão buscarem e as jovens mulheres apenas cortam e dão aos animais. A depoente relata que não pode sair para estudar, pois, tem que trabalhar, cuidar da casa e dos bichos, e as vezes faz mais do que o irmão. O que segundo Whitaker.

Ensaaiemos duas interpretações, para sermos coerentes com a nova ciência. Ou simplesmente, sejamos dialéticos! Numa primeira abordagem, ao imaginário da menina, a pobre mulher esmagada pelo peso de trabalho da casa, da horta, das criações, ainda tem que **gostar** da situação, para ser, como queriam os Fussel, a “parceira inferior, porém feliz” da relação matrimonial. Buscando o fenômeno contrário, porém, podemos inferir que certas atividades femininas artesanais, como fazer bolos e costurar, são realmente prazerosas. (WHITAKER, 2002, p. 16).

É preciso uma reeducação para a comunidade e perceber que sair em busca de novos objetivos não significa que as informantes iram desrespeitar seus pais. Na verdade, é uma necessidade de independência, por realização de sonhos. As jovens mulheres desde crianças são educadas a cumprir com a ordem estabelecida, em que as mulheres devem aceitar que o homem pode sair, estudar fora, e trabalhar, mas a mulher não, seguindo esse ritmo o patriarcalismo se manterá na comunidade.

[...] uma conformidade que não se expressava totalmente sem resistência. A leve crítica que sinalizava essa resistência se expressava, no entanto, paradoxalmente contra o pai e não contra os privilégios do irmão. É como se a menina, com mais pena da mãe do que de si própria, enxergasse a injustiça na relação marido e mulher e não nos privilégios do irmão. Uma hipótese plausível é a de que a menina tenha interiorizado as expectativas da mãe contra o marido. E como as mães são sempre condescendentes em relação ao filho homem (Whitaker, 1989), o próprio discurso da mãe levava a menina a ignorar os privilégios masculinos na infância. (WHITAKER, 2002, p. 19).

Como apresentado anteriormente o gráfico, observamos que 80 % das mulheres entrevistadas relatam que os pais não deixam sair caso precisem estudar fora. E apenas 10% teriam o apoio dos seus pais e 10% razoavelmente. Portanto as jovens mulheres são interrompidas de conquistar metas e objetivos pois, não se há uma pretensão por parte dos pais que isso aconteça.

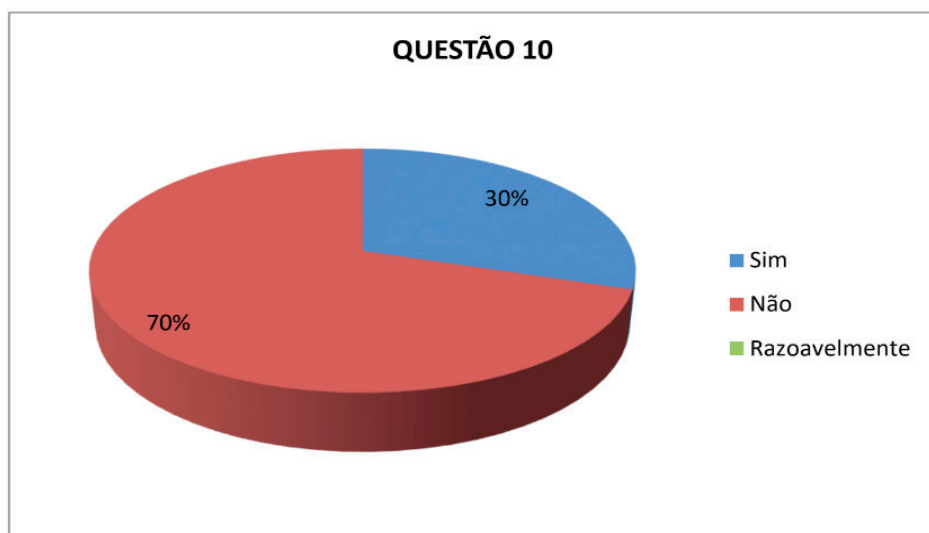
Para concluir com as questões, perguntamos *na 10 questão*: Já se sentiu pressionada em namorar por suas amigas estarem namorando? E obtivemos as seguintes respostas.

A minha irmã Mônica, quer que eu namore de todo jeito, fica arranjando, procurando, se tem uma festinha em família ela convida pessoas por exemplo: se separou um rapaz da esposa ela chama pra arranjarr um casamento comigo e eu já conversei com ela, e ela parou mais porque eu sempre quis me formar e estudar até porque ela demorou mais a conseguir a estabilidade financeira que eu possuo, pois, ela só pensava em casar com os Emília era o sonho dela. Então fica pegando em meu pé para isso. (M, 2018).

2. Alimento dos animais como, vaca, boi, cabra, ovelhas entre outros. As jovens mulheres cortam a palma para as vacas se alimentarem.

QUESTÃO 10	
Sim	3
Não	7
Razoavelmente	0

Fonte: própria. Tabela 11.



Fonte: própria. Gráfico 11

Como relatado anteriormente pela depoente Me, que mesmo a sua irmã sendo do sexo feminino esta mantém um conservadorismo que acredita que a irmã já passou da idade de se casar, para ela a felicidade só se concretiza com o casamento é como se lhes faltasse algo. E é através da educação que este lugar passara a ser menos patriarcal. Por isso, que precisamos lutar, para vencermos essa dominação masculina o que segundo Beauvoir:

[...] Os proletários fizeram a revolução na Rússia, os negros no Haiti, os indo-chineses bateram-se na Indo-china: a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica; só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam. [...]. (BEAUVOIR, 1970, P. 13).

De acordo, com a pesquisa, cerca de 70 % das jovens mulheres relataram que a família e ou amigos, discutem sobre uma idade certa para se casar, e que a realização da mulher está no casamento, e 30% descreveram que sim, o que podemos perceber é que a maioria dessas informantes sofre com a pressão para se casar, mas as mesmas não se dão conta disso de forma crítica e somente conseguiremos extrair estas informações a partir da entrevista, pois, as respostas em muitas vezes se contradizem por não compreenderem a imposição social, em que vivenciam, mas a repressão sofrida se encontra nas falas das informantes.

De maneira geral, as jovens mulheres costumam se casar muito cedo a partir dos 15 anos já são mães, pois, são educadas desde cedo para ocuparem o espaço do privado, ou seja, saber cozinhar e arrumar a casa. Para os meninos, a forma de cuidado é diferenciada, podem passear, sair com os colegas. Já as jovens mulheres restam somente o espaço do privado, a casa, e os afazeres domésticos, e cuidar dos animais, para preservarem a imagem de uma garota solteira, e preparada para se casar. Sendo assim, as mães ficam contentes pois, terão feito o papel delas em educar as filhas para o matrimônio, e os esposos cobram de suas mulheres que eduquem as filhas, e que estas se casem, pois, caso as jovens mulheres não se casem, a responsabilidade é da mãe que não soube educar.

Percebeu-se que as jovens mulheres entrevistadas de modo geral, não descartaram a possibilidade de se casar mesmo após se formar. Uma cultura que se apresenta que, devido uma certa idade, as jovens mulheres devem passar de serem responsabilidades de seus pais e serem responsabilidade de seu marido. Ao fazer um paralelo entre o século XIX e o XXI, observou-se, que a sociedade se mantém muito conservadora, em relação as jovens mulheres, da mesma forma que a personagem Flora era repreendida no livro *Esau e Jacó* as jovens mulheres sertanejas vivem na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aponta-se, que a obra clássica de Joaquim Maria Machado de Assis é uma das mais emblemáticas de sua vasta produção literária. Debruçando-me a personagem Flora que constrói o desenvolvimento da ação em *Esaú e Jacó*. O caminho percorrido da pesquisa foi analisar a mulher sertaneja das comunidades de Gavião, Lage e Melancia a partir da personagem Flora clássico de Machado de Assis. Relacionando ao processo de submissão e casamento. Dessa forma realizamos uma comparação entre a desigualdade de gênero que a personagem Flora vivenciava no século XIX com relação a desigualdade de gênero em pleno século XXI, o que leva as jovens mulheres sertanejas das comunidades estudadas a submissão e ao casamento. Com isso, podemos afirmar que o autor realista acabou inquietando-nos sobre os problemas sociais recorrentes dos discursos socialmente construídos com relação ao matrimônio. Que se passando 200 anos o patriarcalismo continua forte como na década de 80. O que caberia a educação abri caminho para uma educação mais plural.

Apesar das diferenças entre o século XIX com a representação da mulher a época, percebe-se que bem como a personagem Flora sofria preconceito com relação a submissão e ao casamento. As jovens mulheres sertanejas vivenciam na atualidade, o mesmo problema que a personagem Flora vivenciava em sua época. Entre o livro e as jovens mulheres sertaneja pesquisadas observou-se a relação de patriarcalismo da sociedade oitocentista. Neste sentido, tanto a personagem Flora quanto a jovens mulheres sertanejas ficam a margem da sociedade. Através das falas as informantes sentem a necessidade de se tornarem independentes, de realizarem um projeto de vida, e com isso evitar a interrupção da juventude, para conseguir a sua estabilidade. Porém, isso não ocorre, devido aos discursos dos familiares e das comunidades, que quando as jovens mulheres não se casam antes dos dezoito anos, estas já são apelidadas de moça velha, babá de velho e solteirona. O que impulsiona as jovens mulheres se casarem muito cedo.

Analizamos que os discursos que perpassam os personagens do livro *Esaú e Jacó*, e em especial a mãe da personagem Flora ao retratar que sua filha era uma esquisitona por não se interessar pelo casamento, isso se perpetua na atualidade com as jovens mulheres sertanejas pesquisadas que vivenciam em diferente contexto os mesmos discursos conservadores com relação a desigualdade de gênero. O que faz as jovens mulheres se casarem muito cedo, antes mesmo dos 18 anos de idade já são mães. Interrompendo sua juventude, formação escolar, projetos de vida. Esses discursos se repercutem nas falas das jovens mulheres como por exemplo, coisas de homens e coisas de mulher, que são limpar a casa é somente coisas de mulher e nunca o de homem realizar, porém para ajudar nas tarefas masculinas elas podem como por exemplo, dar ração para os animais, levar o gado ao cercado, dar água aos animais etc. Esta situação reforça os discursos construídos de dominação e submissão que no cotidiano é absorvido nas relações sociais os quais são o desencadeador das desigualdades de gênero.

O presente estudo se justifica pelo fato de Machado de Assis ser um autor expressivo da literatura brasileira, e também por seu romance *Esaú e Jacó* se constituir uma fonte de estudo inesgotável, pois, a cada nova leitura surge um novo aspecto da obra ainda não explorado. Considerando que a obra *Esaú e Jacó* está classificada como pertencente à segunda fase dos seus escritos, e que por isso, apresenta reflexos do estilo literário

realista, e considerando também o fato de que Machado não foi um escritor totalmente fiel ao estilo da época, tendo em vista que seu realismo não se resume à mera descrição do aspecto social, mas, principalmente, à problematização dele, chegamos a considerar que a personagem e o seu modo de ser na narrativa, uma personagem que vai além do modelo feminino da sociedade oitocentista, faz parte de uma das muitas características do estilo pessoal do autor, que desenvolveu um modo particular de escrever.

Fazendo com isso, que seu inscrito chegasse a posterioridade o que fará do livro um objeto de estudo em que se utiliza da descrição do autor sobre a personagem Flora para uma análise da realidade que em pleno século XXI se evidencia perante as comunidades de Gavião, Melancia e Lage Grande com relação a pressão que as jovens mulheres sentem de acordo com a submissão e o casamento.

Contudo, a presente pesquisa tem a pretensão de contribuir para mais diversas áreas. A pesquisa não se pautou em respostas prontas, mas questionou a realidade de uma sociedade que se mantém patriarcalista em pleno século XXI, e que apresenta sujeitos marginalizados que são representados tanto na literatura quanto na sociedade.

Esta pesquisa não se encerra aqui porque ela abre um leque de novas abordagens.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1904.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Disponível em <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>>. Acesso em: 30 de ago. de 2016.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar** 4º edição, São Paulo. Martins fontes, 2007.

BOSI, Alfredo, **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. – São Paulo, cultrix. 2006.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo sexo fatos e mitos. 4º edição São Paulo. 1970. Disponível em:< <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11º edição. Maria Helena Kuhner. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

COSTA, Mariana Rocha Santos. **O pacto fraterno e a aliança nacional**: análise do romance Esaú e Jacó (Machado de Assis) e dois irmãos (Milton Hatoum) – 2010.

COSTA. Emília Viotti da. **Da Monarquia a Republica**. Editora Unesp. 5º edição. 2010.

CANDIDO, Antonio **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo : Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 12 ed. São Paulo. 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 11º edição. Ouro Sobre Azul, Rio de Janeiro, 2010.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e gênero**. Belo horizonte: autentica. 2006.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. São Paulo Global, 2004.

GLEDSON, Johlon. **Machado de Assis: ficção e história**. Tradução de Sonia Coutinho. 2. ed. Revista ampliada. São Paulo paz e terra, 2003.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** : ensaios. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/93429588-schwarz-roberto-que-horas-sao-livro-completo.pdf>>. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: machado de Assis. São Paulo: Duas cidades; ed. 34, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Disponível em:< https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em nov. de 2018.

SAFFIOTI, Heleieth, L. B. **Gênero patriarcado Violência**. Editora Fundação Perseu Abramo 2004, São Paulo. s

MASCARENHAS, João de Castro, BELTRÃO, Breno Augusto. JUNIOR, Luiz Carlos de Souza. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de São José da Tapera, estado de Alagoas.** Organizado, Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

População de São José da Tapera. Disponível em <http://populacao.net.br/populacao-sao-jose-da-tapera_al.html>. Acesso em 22 de abril de 2018

PEREIRA, Laura Sánchez. **Nísia floresta: memória e história da mulher intelectual oitocentista.** Foz do Iguaçu. 2017.

RIEDEL, Dirce Cortes. Um romance “histórico”? In: ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó.** 11. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1904.

VALLADARES, Henriqueta do Coutto Prado. **Esau e Jacó: olhares sobre a leitura.** São Paulo: É realizações, 2013. (Biblioteca textos fundamentais).

WHITAKER, Dulce C. A. **Nas franjas do rural e urbano: meninas entre a tradição e a modernidade.** Cadernos Cedes, ano XXII, no 56, Abril/2002.

ANEXOS

Roteiro da entrevista.

Questionário de pesquisa apresentado a comunidade Sitio Gavião, Melancia e Lage Grande do Município de São José da Tapera.

Nome:

Idade:

Escolarização:

Questão 01: Alguma vez já se sentiu pressionada por parte de sua família para se casar? Quantos anos tinha quando está pressão iniciou?

- Sempre
- As vezes
- Nunca

Questão 02: Alguma vez já foi chamada por apelidos tais como: esquisitona, estranha, por não ter se casado ainda e até os vinte anos?

- Sempre
- As vezes
- Nunca

Questão 03: Já se sentiu desconfortável entre conversas com amigos ou parentes ao relatar sobre a necessidade para casamento?

- Sempre
- As vezes
- Nunca

Questão 04: Seus pais já relataram uma preocupação com relação ao seu matrimônio? E justificam que morreram felizes se deixarem você casada ou suas irmãs?

- Sempre
- As vezes
- Nunca

Questão 05: sua família ou amigos já relatam em algum momento que a felicidade se completa quando se casa?

- Sempre
- As vezes
- Nunca

Questão 06: Em sua região qual a faixa etária em que as moças costumam se casar?

- Antes dos 18
- Após os 18
- Após os 25

Questão 07: Qual a maior preocupação de seus pais em relação aos itens abaixo:

- seu casamento
- Sua formação
- Sua aprovação em um concurso Público

Questão 08: Para você o que será mais importante em seu planejamento futuro?

- seu casamento
- Sua formação
- Sua aprovação em um concurso Público

Questão 09: Seus pais lhe apoiam caso você precise morar em outra cidade para estudar longe do convívio de seus pais sem reclamarem?

- Sim
- não
- Razoavelmente

Questão 10: Já se sentiu pressionada em namorar por suas amigas estarem namorando?

- Sim
- Não
- Razoavelmente

Comentário: o que você achou sobre este questionário? Comente:

Discorra sobre a importância do matrimônio e qual o valor adicionado ao casamento em sua comunidade.

Você autoriza a publicação desses dados em revistas, livros e etc, desde que a sua identidade seja mantida em sigilo?

- Sim
- não

TERMO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa *REFLEXOS da Mulher Sertaneja na Personagem Flora, de Esaú e Jacó, de Machado de Assis: para além da ficção*. Da pesquisadora Wilma Lima Maciel.

1. O estudo se destina a Identificar REFLEXOS da mulher oitocentista machadiana na mulher sertaneja do século XXI.

2.A importância deste estudo é a de compreender a desigualdade de gênero das comunidades de Gavião, Lage Grande e Melancia.

3.Os resultados que se desejam alcançar se detêm a hipótese de que a personagem Flora se constitui no livro como um modelo feminino que ultrapassa as barreiras comportamentais do tempo histórico da obra, ou seja, os preceitos vigentes na sociedade do século XIX, principalmente no que se refere à submissão e ao casamento. Assim, a personagem Flora

se apresenta assemelhada à mulher sertaneja da atualidade.

4. A coleta de dados começará em fevereiro de 2018 e terminará em julho de 2018.

5. O estudo será feito da seguinte maneira: aplicação de entrevista semiestruturada.

6. A sua participação será nas seguintes etapas: entrevista semiestruturada.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são: Compreender o ideal de mulher representado pela sua comunidade.

10. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo pesquisador.

Eu....., tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da responsável pela pesquisa

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Endereço: AL 145,3849.

Complemento: - CIDADE UNIVERSITÁRIA

Cidade/CEP: DELMIRO GOUVEIA, 57480-000

Telefone: (82) 3214-1745.

Ponto de referência: PRÓXIMO AO HOTEL ALINE.

Contato de urgência: Sr(a). Wilma Lima Maciel.

Endereço: Sítio Gavião.

Complemento: Casa

Cidade/CEP: 57445-000

Telefone: (82) 999281696

Ponto de referência: próximo ao Piau.

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões,
Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 12 de Fevereiro de 2018.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas) ASSINAR O MODELO, OBRIGATORIAMENTE

SOBRE OS AUTORES

WILMA LIMA MACIEL - Mestranda em Dinâmicas Territoriais e Cultura pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Pós-Graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Inglesa pela Universidade Candido Mendes (UCAM) (2016). Pós-Graduada em Educação no Semiárido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), (2018), Campus do Sertão. Pós-Graduada em Ensino de Geografia pela (UFAL), (2020), Campus do Sertão, Graduada em Letras português pela Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão), (2016). Atua como professora de Metodologia Científica, assessorando discentes que querem cursar Mestrado. E-mail:wilma-maciel2@hotmail.com.

JOSÉ FÁBIO OLIVEIRA - Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Pós-Graduado em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Luíz de França (FSLF). Pós-Graduado em Educação no Semiárido Pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL - Campus Sertão). Pós-Graduado em Ensino de Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus VIII). Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL - Campus Sertão). Professor de Educação Básica da Rede Municipal de ensino no município de Delmiro Gouveia – Alagoas. E-mail: fabiooliveira26@hotmail.com.

PARA ALÉM DA FICÇÃO:

Reflexos da Mulher Sertaneja na Personagem
Flora, de Esaú e Jacó, de Machado de Assis

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

PARA ALÉM DA FICÇÃO:

Reflexos da Mulher Sertaneja na Personagem
Flora, de Esaú e Jacó, de Machado de Assis

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 